



BACHARELADO EM JORNALISMO
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, EDUCAÇÃO, ARTES E
HUMANIDADES

EDINÓLIA PINTO PEIXINHO

EDUCAÇÃO PARA PAZ
A proposta holística de Pierre Weil

Salvador

2023

EDINÓLIA PINTO PEIXINHO

EDUCAÇÃO PARA PAZ

A proposta holística de Pierre Weil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Salvador como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Borges

Salvador

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela vida à minha mãe, Ambrosina Pinto Peixinho e a meu pai, José da Silva Peixinho, que me oportunizaram renascer; aos demais familiares, irmãos, sobrinhos de ambos os lados, pela oportunidade de aprender a conviver; à minha primeira professora, Dagmar, que me iniciou as primeiras letras, usando a Cartilha do Povo, e aos demais professores com os quais tive a alegria de compartilhar conhecimentos; pelos desafios nos seus diferentes níveis, social, relacional, econômico e profissional, que me impulsionaram e continuam contribuindo para meu crescimento pessoal e emocional; pelo afeto dos amigos que me cercam e, mesmo reconhecendo as minhas idiossincrasias, me entendem e acolhem; aos professores e alunos do Ginásio Estadual Rubem Nogueira, que me oportunizaram momentos ímpares de aprendizado e alegrias, próprias dos folguedos da juventude; aos integrantes do Club Bolota, grupo de teatro amador que criamos com os alunos do ginásio para desenvolver atividades lúdicas voltadas para o público infantil. Obrigada ainda, aos professores da Escola Normal de Serrinha, onde tive a felicidade de receber o diploma de magistério, e aos respectivos colegas pela cooperação nos trabalhos de grupo, ainda no seu início de aplicabilidade como método de aprendizagem; aos abnegados docentes da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, nos anos 1980, por terem me descortinado o mundo educacional na perspectiva de pensadores reconhecidos, como Piaget, Carl Rogers, Paulo Freire (só para citar alguns) que muito contribuíram para uma percepção do indivíduo na sua singular forma de pensar, de ser e do existir no mundo. Obrigada à Dra. Lia Savastano Ribeiro, que teve a feliz ideia de trazer para Salvador o Sistema Biodança, que enriqueceu a minha trajetória de vida, no sentido de me sensibilizar para o exercício de uma vivência centrada na amorosidade, em qualquer circunstância; ao Instituto Junguiano da Bahia, na pessoa do Dr. Calos São Paulo, cujos ensinamentos me oportunizaram alargar a mente para melhor entender as funções psíquicas de aprendizagem, bem como do processo de individuação, tão significativo para nos percebermos como pessoa, na sua inteireza. Por fim, um agradecimento ao inesquecível Aristóteles Peixinho (Tio Peixe), por me despertar para o conhecimento do Espiritismo, filosofia que tem me fortalecido para transcender o humano, em busca de espiritualidade; ao professor Divaldo Pereira Franco, pelo seu esforço de conhecimento e pela criação da Mansão do Caminho, obra comunitária de excelência, em nível educacional e social como também pela criação e

operacionalização do projeto VOCÊ e a PAZ. Agradeço, também, à Universidade Salvador (UNIFACS) pelo trabalho de excelência que vem realizando; aos seus funcionários distribuídos por todas as áreas de ação, pela presteza e forma acolhedora em nos receber. Faço questão de registrar aqui a nossa homenagem de gratidão aos docentes Prof.^a Amanda Aouad, Prof. Antônio Neto e Prof.^a Livia Veiga Bispo de Negreiros, tanto pelos seus saberes como pela excelência no desempenho das funções que lhes são pertinentes, acrescentando um especial reconhecimento e louvor à orientadora desta monografia, Prof.^a Kátia Borges, pela sua competência e habilidade amorosa na escuta e nas relações interpessoais. Por fim, um agradecimento especialíssimo ao amado esposo André Luiz Peixinho, impulsionador constante do meu crescimento intelectual, afetivo, relacional e espiritual, desde os anos de 1963, quando nos conhecemos.

Ir Além

*Ir Além da nossa stressante crise caótica,
oportunidade transformadora na seguinte nova ótica.
Ir Além da perversa marginalização do essencial,
apontando para todos o puro sentido existencial.
[...] Ir Além do fosso entre pobres e ricos,
visando o conforto essencial para todos.
Ir Além de poluir o espaço, o ar, a água e a terra,
Vivendo em harmonia com a matéria.
Ir Além de desmanchar a biodiversidade da vida,
respeitando toda a sua variedade.
[...] Ir além das incertezas periódicas da fé e do crer,
transformando-os na experiência do verdadeiro saber.*

(WEIL, 2000, p. 235)

RESUMO

A presente monografia analisa o contexto da educação para a paz, a partir da perspectiva holística desenvolvida por Pierre Weil, que aborda toda a sua trajetória no investimento de meios facilitadores para sensibilização da sociedade, no sentido de contribuir para a consecução dos objetivos propostos, como uma necessidade vital à sobrevivência da pessoa humana e dos demais entes habitantes do nosso planeta. Focaliza a mudança paradigmática em curso, demonstrando que a cosmovisão da modernidade ainda é insuficiente para a resolução dos desafios gerados por ela mesma. Das novas descobertas da física e da psicologia, emerge uma visão de mundo integrativa, sistêmica ou holística. Este paradigma emergente propõe modelos de educação que se caracterizam pela compreensão da pessoa humana como ser, essência e existência multidimensional, em processo evolucionário, que a conduzirá a uma vivência abrangente, de forma a superar a *fantasia da separatividade* reinante; ele integra sujeito e objeto, as esferas culturais, ciência, filosofia, religião e arte, o homem, sociedade e natureza. A partir desta proposta educativa, o professor Pierre Weil apresentou seu projeto de educação para a paz, aprovado pela UNESCO, para agilizar a operacionalização dos objetivos por ela definidos, facilitando a formação de educadores e educandos. Em paralelo, este trabalho também apresenta um conjunto de iniciativas internacionais para se alcançar a paz, tais como a criação da ONU, da Universidade para a Paz a Costa Rica, da Universidade Sathya Sai para a Excelência Humana, na Índia e da Universidade Holística Internacional, em Brasília. Aborda ainda as sugestões para se estabelecer entidades educacionais com pressupostos ancorados no paradigma emergente, a geração dos facilitadores por meio da Formação Holística de Base e a didática necessária à realização das atividades escolares focadas no aluno e na arte de viver em paz.

PALAVRAS-CHAVE: paradigma, educação, holismo, paz.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Quadro Sinótico	20
Figura 2 Diagrama	40

LISTA DE SIGLAS

AGMF	Agência de Garantia Multilateral de Financiamento
CFI	Corporação Financeira Internacional
CIRDF	Centro Internacional para a Resolução de Disputas Financeiras
ECOSOC	Conselho Econômico e Social da ONU
FAO	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
FHB	Formação Holística de Base
FIDA	Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola
FMI	Fundo Monetário Internacional
IAEA	Agência Internacional de Energia Atômica
ICAO	Organização da Aviação Civil Internacional
IDA	Associação Internacional de Desenvolvimento
IMO	Organização Marítima Internacional
ITU	União Internacional de Telecomunicações
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMC	Organização Mundial do Comércio
OMM	Organização Meteorológica Mundial
OMPI	Organização Mundial da Propriedade Intelectual
OMS	Organização Mundial da Saúde
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
TABA	Trabalho Artesanal em Benefício do Aperfeiçoamento
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNIDO	Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial
UNIPAZ	Universidade Holística Internacional de Brasília
UPU	União Postal Universal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OS PARADIGMAS	14
3 ORGANIZAÇÕES PARA A PAZ	23
3.1 ANTECEDENTES ORGANIZACIONAIS E HISTÓRICOS	23
3.1.1 Propósitos e princípios	24
3.1.2 Estrutura da organização	25
3.1.3 Principais ações da ONU	25
3.2 ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO)	27
3.3 UNIVERSIDADES EM PROL DA PAZ	29
3.3.1 Universidade para a Paz – Costa Rica	29
3.3.2 Universidade Sathya Sai para a Excelência Humana	30
3.3.3 Universidade Holística Internacional de Brasília (UNIPAZ)	31
4 PERSPECTIVA HOLÍSTICA PARA A EDUCAÇÃO	37
4.1 BREVE ESCLARECIMENTO SOBRE A DESCRIÇÃO DE UMA PERSPECTIVA	37
4.2 AFINAL, QUE SOMOS? A PESSOA NA PERSPECTIVA HOLÍSTICA	37
4.3 O CONCEITO HOLÍSTICO DE EDUCAÇÃO	42
4.4 AS FACULDADES HUMANAS DO CONHECIMENTO	47
4.5 A FUNÇÃO DOCENTE	48
4.6 A FUNÇÃO DISCENTE	50
5 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

A história da Humanidade pode ser narrada como uma sucessão de eventos conflituosos entre pessoas, grupos, culturas, civilizações, embora a paz seja uma aspiração humana, contínua no domínio das utopias. Assim, encontramos em todos os tempos iniciativas centradas na destruição do outro como forma de subsistência e autorrealização pessoal e coletiva. À medida que a população humana cresce e forma agregados sociais, ampliam-se as formas de luta e as armas se sofisticam cada vez mais.

Aparentemente, conserva-se a característica predatória presente no reino animal, sustentada pelo instinto de conservação e por uma conduta agressiva frente aos desafios da convivência. O ser humano, entretanto, se diferencia de outras espécies pela autoconsciência em termos de temporalidade e impermanência, conhecendo a existência de passado, presente e futuro, tem demandas subjetivas, psicológicas e espirituais que o fazem almejar pertencimento em grupos, autorrealização relacional com permuta de afetos e sentido de transcendência que, de certa forma, se opõe à manifestação plena de sua tendência agressiva.

Neste contexto de desenvolvimento da consciência humana, insere-se o dilema existencial entre se preservar, assegurando o máximo de autonomia, e se integrar para realizar-se mais plenamente. A característica pessoal egocêntrica o impele para a afirmação pessoal de seus valores, saberes e comportamentos e, por outro lado, o impulso gregário aproxima-o da vivência no coletivo. Esta oposição de tendências leva o ser humano a se afinar com os semelhantes e combater os diferentes, numa espécie de solução mediadora do seu conflito. Isto aparece na história da cristandade, que se unia em termos de um modelo institucional e guerreava com os dissidentes considerados hereges, ainda que apregoassem uma doutrina que recomendava o amor aos inimigos.

Um modo de compreender esta problemática consiste numa observação acurada do comportamento humano, a partir da identificação de uma visão de mundo tanto de indivíduos como de civilizações. Denominamos a esta conduta análise paradigmática. Este modo de discernir e compreender a realidade se inicia pelo entendimento do que é paradigma. Deve-se a Thomas Kuhn o uso do termo paradigma para explicitar o modo

como a produção do conhecimento acontece no domínio da ciência. Para ele, este vocábulo significa “a constelação de crenças, valores e técnicas compartilhadas pelos membros de uma comunidade científica” (KUHN, 1994, p. 225).

Vale ressaltar que o paradigma economiza tempo e energia dos pesquisadores, pois dispõe de regras de definição de tarefas, mas, simultaneamente, delimita o universo a ser trabalhado e os princípios de exclusão de objetos de estudo e de suas hipóteses. Posteriormente, Moraes (2014 apud Morin, 1996) ampliou a proposta originária e afirma que o paradigma se refere a uma relação significativa de características lógicas entre um conjunto de “conceitos-mestres”. Para o referido autor, seria algo como um núcleo de pensamento de natureza linguística, lógica e ideológica.

Relacionamos a criação de entidades, a exemplo da Organização das Nações Unidas (ONU), considerando antecedentes organizacionais e históricos, propósitos e princípios, estrutura, ações, objetivos, e demais organizações, elegendo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que se estabeleceu com o objetivo de implementar os valores da paz no mundo, e que continua até hoje, ampliando suas ações e envolvendo cada vez mais instituições que a ela se associam em nível de ideias e operacionalização das metas a serem alcançadas, convergindo para um mesmo fim. Passeamos também por universidades em prol da paz, a exemplo da Universidade para a Paz - Costa Rica, Universidade Sathya Sai para a Excelência Humana - Índia e Universidade Holística Internacional de Brasília (UNIPAZ).

No capítulo 2, prosseguimos na abordagem sobre paradigmas segundo a visão de vários pensadores cientistas e filósofos do século XX, (em relação ao paradigma newtoniano-cartesiano) reconhecidos pelo saber em diferentes campos do conhecimento, que têm contribuído significativamente para o desenvolvimento de uma visão mais abrangente da vida e do mundo, acompanhando os avanços científicos que marcam a trajetória de nossa civilização. Essas mudanças paradigmáticas têm estimulado ações decorrentes de uma visão de mundo integrada, tanto em relação ao outro da mesma espécie, considerando a cultura de cada civilização, como em relação aos demais seres da natureza.

No capítulo 3 pontuamos os esforços empreendidos para a criação de organizações que priorizam uma convivência pacífica entre os povos, e promoção de atividades que venham a

trazer bem estar para todos, no sentido de garantir as necessidades básicas imprescindíveis para um bem viver no contexto social.

O capítulo 4 enfoca a perspectiva holística para a educação com base nos autores selecionados pela Universidade Holística Internacional e participantes de seus congressos. Responde a questões estruturantes de qualquer corrente psicopedagógica tais como: que é a pessoa, qual o conceito de educação, como ocorre o processo educativo e, em consequência, o desenvolvimento pleno do ser, quais as faculdades gnósticas utilizadas, a função do docente e do discente e os estados de consciência.

No capítulo 5, nos centramos na proposta holística de Weil, construída especificamente para mostrar as metodologias norteadoras, a pedagogia específica, a didática e os fundamentos teóricos indispensáveis, com referências sobre estudiosos que participam dessa mesma ideia e que possam facilitar a implementação de uma educação para a paz, que se constitui o objetivo primacial desta monografia. Mostra as condições indispensáveis para a consecução deste intento, a partir de uma visão ampliada a respeito de si mesmo, da sociedade e do mundo, condição básica para o entendimento dessa proposta integrativa entre todos os componentes deste planeta.

A escolha deste tema, em torno da Educação para a Paz, dá-se por conta das minhas dificuldades em lidar com as histórias sobre guerras, pois passei a minha infância ouvindo falar a respeito de jovens filhos de amigos de minha mãe que tinham morrido na guerra de 1945. Aos 7 anos, sempre escutando as mesmas lamentações, sentia uma grande tristeza por não entender por que o povo se reunia para matar uns aos outros.

Anos depois, em 1967, houve a eclosão de uma música gravada pelo grupo Os Incríveis - Era um Garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones- que se referia à guerra do Vietnã - essa música me remontou aos sofrimentos experimentados treze anos atrás. Apesar de já me encontrar na adolescência, o mal-estar foi muito pior, pois o que eu achava que era passado estava se repetindo com as mesmas atrocidades ouvidas na infância. Mas foi a despedida dos jovens convocados para a guerra das Malvinas, que assisti pela televisão, vendo os pais e mães, acenando para seus filhos, saindo de navio, isso nos anos 80 do século passado, que me causou um impacto ainda maior.

Vivenciei momentos da ditadura desde 1964, ainda estudante e depois, como professora, assumi a coordenação do centro cívico do colégio, que dentre outros objetivos, pressupunha a preparação dos estudantes para o exercício do voto. Preparamos tudo, inscrição das chapas, urna, título de eleitor estudantil e a programação, onde os candidatos iriam apresentar a sua plataforma com as ações que iriam desempenhar. Como já tinha percebido que a competição se constituía um dos motivos para a desarmonia na sociedade, chamei os representantes das duas chapas e fiz a seguinte proposta:

Que tal, os dois grupos fazerem conjuntamente a visita em cada sala para sensibilizar os seus eleitores, de modo que a chapa A apresente os integrantes da chapa B, mostrando suas capacidades, e vice-versa, deixando à vontade a decisão dos colegas? Claro que não foi possível, diante dos exemplos políticos e de uma sociedade construída com base na competitividade em todos os níveis. Não desanimei, porém.

Dáí fiz um pacto comigo mesma. Resolvi, que seguiria minha trajetória sempre atenta às oportunidades para divulgar a paz, e mesmo onde as circunstâncias digam não, eu digo sim, procurando construir, em minhas entranhas, as possibilidades da construção da minha paz interior e sempre acreditando que a educação é o meio mais facilitador para implementação da paz no mundo.

2 OS PARADIGMAS

O paradigma, quando abrangendo uma civilização, recebe o nome de cosmovisão e, como tal, norteia a escolha das suas decisões em função dos valores aceitos. Em nossa cultura ocidental atual, vigora hegemonicamente o paradigma da Era Moderna, fundamentado pela ascensão da ciência, pelo Movimento Iluminista e pela Revolução Industrial, conhecido como paradigma newtoniano-cartesiano, assim chamado, por ter como expoentes da sua concepção o filósofo francês René Descartes e o físico inglês Isaac Newton, cujas definições principais, em nossa linguagem, elencamos a partir dos autores Grof (2014), Wilber (1998), Goswami (2000), Capra e Luisi (2014):

Ao considerar o universo como uma grande máquina, só se pode estudá-lo de um modo mecânico, o espaço e o tempo são entes absolutos e reais, prevalecendo a geometria euclidiana e todo saber deve ser aprovado pela razão e, por isto, ele é eminentemente racionalista. Admite-se que o universo funciona baseado no princípio da causalidade, de modo que se dá crédito ao axioma expresso “todo efeito tem uma causa” e os eventos se relacionam desta forma e há uma ordem subjacente no universo que permite predizer eventos futuros.

Acredita-se que a mais completa e adequada forma de expressão do saber é a matemática, ciência de maior grau de excelência, e o mundo considerado real é aquele percebido pelos cinco sentidos. Assim, a matéria é o substrato do universo ocupando o espaço. A consciência e seus produtos são derivados do cérebro e, portanto, trata-se de uma concepção materialista e reducionista, sendo o conhecimento fundamentalmente analítico, isto é, divide-se o problema em partes menores para melhor aprofundamento na questão. Isto resulta na tendência à especialização nas ciências.

A pessoa humana é considerada um construto biológico com início na fecundação e término com a morte física. O sujeito deve ser neutro e não participa dos resultados da pesquisa. Dessa forma, nega-se a subjetividade e valoriza-se a objetividade.

Diante das consequências de uma percepção da vida e do mundo centrada no “paradigma newtoniano-cartesiano”, Stanislav Grof faz uma abordagem significativa sobre o assunto:

[...] devemos estar conscientes de que a ciência mecanicista ocidental torceu e distorceu o legado desses dois grandes pensadores. Pois tanto para Newton quanto para Descartes, o conceito de Deus era um elemento essencial em suas filosofias e visão de mundo. [...] Também Descartes acreditava que o mundo existisse objetiva e independentemente do observador humano. Para ele, entretanto, esta objetividade tinha como base a percepção constante de Deus. (GROF, 1987, p. 13)

Roberto Crema, entre outras considerações relativas ao paradigma cartesiano, pontua o método analítico moderno como sendo:

[...] um importante fruto do racionalismo científico que ergueu-se como saudável e necessária reação ao indiferenciado obscurantismo medieval que simbiotizava religião e ciência sob a tirania da “Santa” Inquisição. Focaliza a parte, buscando as unidades constitutivas e atuando como eficiente bisturi retalhador de totalidades. (CREMA, 1995, p. 28)

Desta forma, torna-se compreensível, para o referido autor, que este método se constitui na gênese pedagógica dos estudos disciplinares, ou seja, cada disciplina tem seu conteúdo específico, e seu método de aprendizagem, funcionando como um recorte de percepção da realidade restrito e isolado. Consequentemente, o enfoque disciplinar possui uma natureza reducionista, o que equivale dizer que tenta explicar o complexo por um saber mais simples; o exemplo clássico é reduzir os fenômenos biológicos a fenômenos físicos e químicos. Além disso, sua tendência explicativa absorveu o mecanicismo da física clássica, tentando compreender a vida e o cosmo como se fossem uma grande máquina em funcionamento.

Por outro lado, esclarece que o modelo analítico não é contrário ao modelo sintético, mas implica numa integração, numa *complementaridade* no sentido de se perceber o todo:

[...] Nunca é demais alertar para o equívoco decorrente da miopia de uma visão extremista e excludora. A parcialização analítica é um processo necessário e saudável desde que seguida por uma integração sintética que vincula e restaura. Enfim, a análise decompositora precisa ser sucedida – e não substituída – por uma síntese unificadora. (CREMA, 1995, p. 30)

Sobre a visão mecanicista do mundo, por Descartes, Capra e Luisi comentam:

[...] toda a natureza funciona de acordo com leis mecânicas e tudo no mundo material pode ser explicado em função de arranjos e movimentos de suas

partes. Isto implica que se poderia ser capaz de compreender todos os aspectos de estruturas complexas – plantas, animais ou corpo humano – reduzindo-as às menores partes que as constituem. Essa posição filosófica é conhecida como reducionismo cartesiano. A falácia desta visão reside no fato de que, embora não haja nada de errado ao se dizer que as estruturas de todos os organismos vivos são compostas de partes menores, e, em última análise, de moléculas, isto não implica que suas propriedades possam ser explicadas exclusivamente por meio de moléculas. (CAPRA e LUISI, 2014, p. 61)

Importante salientar o impacto que esses paradigmas têm exercido sobre o homem e a sociedade, no sentido de se estabelecer crenças, desenvolver comportamentos e atitudes que se repetem de alguma sorte, sem se ter real consciência dessa subordinação a injunções atávicas seculares. Ken Wilber, personalidade significativa do saber filosófico e grande pensador, se empenha por buscar caminhos no sentido de integrar ciência e religião como formas facilitadoras para a pessoa humana encontrar-se consigo mesma e perceber-se integrante, de fato, do universo, afirma:

A ciência e a tecnologia moderna criaram uma estrutura global e multinacional de sistemas industriais, econômicos, médicos, científicos e de informação. Por mais benéficos que sejam estes sistemas, todos eles são desprovidos de significado e valor. Como seus próprios propositores lembram constantemente, a ciência nos diz o que é e não o que deveria ser. [...] Assim, essa imensa infraestrutura científica global é, em si mesma, um esqueleto sem valores, por mais funcionalmente eficaz que possa ser.[...] (WILBER, 1998, p. 11)

No período da Idade Moderna, a visão de mundo supracitada foi complementada pelas teorias evolucionistas, principalmente de substrato darwiniano, que enfatizam como pertinente a este processo a seleção natural pela competição e a adaptação do indivíduo. Por influência destas visões, estabeleceu-se um modo de vida centrado na impermanência da pessoa com a sua limitada existência entre a fecundação e a morte e, em consequência, a busca de um prazer imediatista pois a vida é curta, a segurança através da aquisição crescente de bens materiais e poder social, além de um crescente consumismo.

Assim se configurou o chamado modo ter da existência explicitado por Erich Fromm, afirmando a Grande Promessa de Progresso Ilimitado – a promessa de sujeição da natureza, de abundância material, de maior felicidade para o maior número de pessoas e a liberdade individual sem peias – manteve em pé as esperanças de gerações após gerações, desde o início da era industrial. Entretanto a Grande Promessa deixou de ser cumprida e cresce o consenso de que:

A satisfação irrestrita de todos os desejos não é conducente ao bem-estar, nem é a via para a felicidade ou para o máximo prazer. O sonho de sermos senhores independentes de nossas vidas terminou quando despertamos para o fato de que todos nos tornamos peças ínfimas da máquina burocrática, com nossos pensamentos, sentimentos e gostos manipulados pelo governo, pela indústria e pelas comunicações de massa que controlam tudo. O progresso econômico continuou restrito às nações ricas e o fosso entre nações ricas e pobres ampliou-se cada vez mais. O próprio progresso tecnológico ensejou perigos ecológicos e riscos de guerra nuclear, cada um dos quais ou ambos os quais podem acabar com toda a civilização e possivelmente com toda a vida”. (FROMM 1982, p. 24)

Segundo Moraes, seguindo sob a égide deste paradigma,

[...] o homem alienou-se da natureza, do trabalho e de si mesmo. Dividido no conhecimento, dissociado em suas emoções e afetos, com a mente técnica e o coração vazio, compartimentalizado no viver, foi criando um mundo desditoso, talado por guerras, em permanente estado de conflito. Um mundo onde já não mais se conjugam os verbos compartilhar e cooperar, onde não há mais compaixão e solidariedade no cotidiano das pessoas. (MORAES, 2014, p. 43)

As consequências deste paradigma na educação aparecem como uma proposta de ensino aprendizagem centrada em informação, restrita à função intelecto, instrucional e focada na memória e na razão; o discente é “objeto” do ensino, configurando-se como um mecanismo de registro automatizado; há uma predominância da fragmentação do saber em especialidades e na aquisição de seus conteúdos; valoriza a competição, o sucesso no mundo e sustenta-se em valores pragmáticos de sobrevivência; utiliza-se de tecnologias didáticas restritas como a exposição oral e o sistema de recompensa e punição; o professor é a fonte primacial do saber.

Acrescente-se ainda que o modelo educacional está organizado em disciplinas, seguindo a orientação cartesiana de fragmentar a realidade, deixando de perceber a totalidade emergente; além disso continua não percebendo as singularidades de cada aprendiz ao padronizar o tempo de aprendizagem e de conteúdos, e avaliando quantitativamente os resultados submissos à matematização proposta por Galileu, e, dessa forma, ignorando a existência de experiências qualitativas.

Depreende-se desta reflexão que a Modernidade com seu paradigma não conseguiu influenciar suficientemente o ser humano em direção à cultura da paz, persistindo o

ativismo hedonístico em que a conduta prevalente reflete o antigo adágio popular: “o homem é o lobo do homem”, popularizado em decorrência dos escritos de Hobbes (Leviatã, 1651). E nem mesmo a constituição do Estado, como força superior controladora destes impulsos, impediu a continuação das expressões agressivas entre seres da mesma espécie humana.

A partir do século XX, o paradigma newtoniano-cartesiano passou a ser questionado em seus fundamentos. Segundo Moraes (2014), foi Einstein, em 1905, quem fez a primeira grande investida contra este paradigma... Na teoria da relatividade, os conceitos tradicionais de tempo e espaço absolutos da Física Clássica já não mais se sustentavam... Nesta teoria, o espaço e o tempo estavam intimamente vinculados, formando um continuum quadrimensional, indicando que a passagem do tempo é uma ilusão.

De acordo com a mesma autora, o

Paradigma, na ótica de Kuhn, é uma realização científica de grande envergadura, com base teórica e metodológica convincente e sedutora, e que passa a ser aceita pela maioria dos cientistas integrantes de uma comunidade. É uma construção que põe fim às controvérsias existentes na área a respeito de determinados fundamentos. A partir do momento em que existe um consenso por parte de um grupo de cientistas sobre determinadas ocorrências, ou fenômenos, começa uma sinergia unificadora ao redor da nova temática. (MORAES, 2014, p. 31).

A teoria quântica, liderada por Max Planck e Niels Bohr, conforme Goswami (2018), sobre o mundo das partículas, modificou radicalmente a visão de mundo mecânica. Conceitos novos como não localidade, princípios de incerteza, complementaridade, entre outros, passaram a ser referência na visão de mundo, alterando significativamente a percepção da realidade. O mundo perdeu seu fundamento: a matéria; e emergiu uma concepção centrada em ondas e matrizes de probabilidades.

As mudanças conceituais fizeram surgir um paradigma usualmente denominado de holístico cujas principais características são resumidas a seguir (WILBER, 1998; GOSWAMI, 2000; CAPRA e LUISI, 2014):

Segundo esses autores, há de se considerar a interação entre sujeito e objeto, perceber que o espaço e o tempo são entes integrados à consciência e estruturas de funcionamento da

mente, que o conhecimento é produzido por várias faculdades gnósticas como a intuição, a razão, o sentimento e a sensação. Além do mais, há de se ampliar a visão no entendimento de que as mensurações decorrentes da matematização devem ser complementadas pelas percepções qualitativas e a realidade pode ser percebida por outros sentidos extrafísicos e outros estados de consciência, percebendo que o substrato do universo são a consciência e a energia e que a matéria é derivada da função da nossa percepção.

As análises precisam ser complementadas por sínteses para a apreensão integral do conhecimento, de modo que as especializações devem ser acompanhadas de saberes sistêmicos ou integrativos. Importante salientar que a pessoa é mais que um corpo e que vida e consciência antecedem e sucedem ao mesmo. Pertinente ter a consciência de que toda objetividade é intersubjetividade, que o sujeito não é neutro e consequentemente interfere nos resultados das observações.

Sabe-se que de todo paradigma deriva uma pedagogia e se reescrevem os manuais do saber que passam a exercer influência nos domínios educacionais. Historicamente, acredita-se no sentido gregário das pessoas e nas influências decorrentes das interações interpessoais. E, mais recentemente, no curso das civilizações, valorizou-se o processo educativo formal por meio de sua escolarização, onde os manuais são utilizados em larga escala com sua capacidade de influenciar a formação cultural dos aprendizes.

E por acreditar, desde Platão, que a educação é a via mais proficiente para gerar uma nova civilização com autodomínio da tendência humana à agressividade, o novo paradigma emergente propõe um olhar diferenciado para o ensino-aprendizagem.

Como contribuição à gênese de uma educação baseada no paradigma holístico emergente, Weil construiu um modelo comparativo apresentado a seguir:

O ANTIGO E NOVO PARADIGMA EM EDUCAÇÃO

Quadro sinótico

	ANTIGO PARADIGMA	PARADIGMA HOLÍSTICO
Conceito de educação	Informação. Ensino limitado ao intelecto. Instrução dirigindo-se à memória e à razão.	Formação. Educação da pessoa. Processo de harmonização e de pleno desenvolvimento da sensação, do sentimento e da intuição.
Conceito de estudante	Aluno considerado como “objeto” de ensino, como mecanismo automático de registro.	Educando considerado como sujeito, estudando, participante ativo do processo educativo.
Sistema nervoso	Lado esquerdo do cérebro	Lado esquerdo e direito. Todo o sistema nervoso cérebro-espinhal.
Campo de ação	Aquisição de conhecimentos; ênfase sobre o conteúdo. Mudança de opiniões	Transformação da personalidade em seu conjunto. Mudança de opiniões, de atitudes e de comportamento efetivo.
Agente educativo	A escola como agente de educação intelectual, a família como auxiliar da escola. O professor como “docente”.	A família, a escola e a sociedade em um esforço concentrado. O educador como animador, facilitador, focalizador, ou mesmo catalizador de evolução.
Conceito de evolução	A evolução para na adolescência. Maturidade limitada ao intelecto, à capacidade de procriar e de trabalhar. Esta evolução é pessoal.	A evolução continua no adulto. Maturidade vista como um estado de consciência ampliado, de harmonia, de plenitude e de paz de natureza pessoal e transpessoal.
Tipo de formação Orientação de valores	Predominância da especialização. Valores pragmáticos: Consumismo, competição, poder, possessividade, celebridade.	Formação geral precede à especialização. Valores pragmáticos e éticos: Simplicidade voluntária, cooperação, generosidade, igualdade, equanimidade.
Métodos de educação	Exposição verbal, oral, complementada por livros e manuais. Método passivo. Recompensas e punições, em um sistema seletivo e competitivo. O professor ensina, o aluno escuta. Escola separada da comunidade. O professor induz opiniões, atitudes e mudanças de comportamento.	Pesquisa e trabalho individual e de grupo. Exposições verbais e orais pelos estudantes e pelo professor. Método ativo. Métodos audiovisuais. Exposições, excursões, visitas. O estudante é ativo, pesquisa e ensina os outros. O professor como conselheiro, consultante, orientador. Escola integrada à comunidade. O educador é um exemplo de integração de princípios e comportamentos que ela recomenda.

Fonte: (WEIL, 2000, p. 82)

A aceitação de um paradigma requer uma mudança significativa no sujeito que passa a perceber os fatos, interpretando-os em outro contexto nascido das novas premissas ou teorias emergentes. O paradigma holístico parece mais promissor em matéria de convivência humana, pois centra-se em saberes que enfatizam a cooperação, a interdependência, a construção de unidades mais complexas, o desenvolvimento humano baseado em movimentos de superação de antagonismos e na expansão da energética da amorosidade.

Desta maneira, espera-se que, uma vez disseminada essa cultura, a civilização entre em um estágio evolutivo, hoje utopicamente entrevisto, com possibilidades concretas de se tornar realidade: a era do progresso centrado na convivência pacífica. A felicidade e a vida plena para todos era o sonho da Idade Moderna. Acreditava-se no século XIX, por volta de 1850, que, no próximo período secular, a Ciência teria desvendado todos os segredos do Universo com base na Física Clássica, e a tecnologia teria resolvido os problemas universais da sobrevivência humana.

Entretanto, podemos afirmar, retrospectivamente, que o sonho ficou irrealizado. O progresso científico levou à percepção dos limites do modelo de saber newtoniano e praticamente o reduziu a um caso particular da Física Relativística, enquanto a mecânica quântica desfez o conceito atômico material. Por outro lado, a produção tecnológica permitiu ao homem construir artefatos devastadores e duas guerras mundiais jamais vistas em matéria de destruição.

Por volta de meados do século XX, Carl Rogers escreveu:

Nosso mundo está em uma tumultuada agonia, agonia de parto. Isto pode ser a desintegração precedente à destruição de nossa cultura pelo suicídio de um holocausto nuclear. Não podemos dissipar a possibilidade de estarmos na agonia final da nossa morte. Se é este o caso, não há, parece-me, muito o que ser dito. Será uma tarefa para os arqueólogos de um futuro distante diagnosticar a nossa fatal doença. (ROGERS, 1983, p. 9)

O olhar deste autor sobre a civilização, entretanto, não se limita a descrever a circunstância histórica que lhe parece provável e elaborar a hipótese negadora da sobrevivência humana. Ele admite algo alternativo otimista para o ser humano e sua trajetória:

[...] o atual caos, o terrorismo, a confusão, o desmoronamento de governos e de instituições podem ser as dores de um mundo em trabalhos de parto. Existem muitas razões para acreditar que estamos envolvidos no processo de nascimento de um novo ser humano, capaz de viver esta nova era, neste mundo transformado. (ROGERS,1983, p. 9)

Muitos esforços para a extinção da violência no mundo podem ser reconhecidos entre os escritos filosóficos, experiências políticas e sociais e organização de comunidades especiais. Talvez tais iniciativas tenham diminuído a probabilidade do holocausto da nossa civilização. Traremos para o nosso estudo os esforços mais proeminentes, no contexto do século passado, que aconteceram após a terrível aprendizagem da Segunda Guerra Mundial.

3 ORGANIZAÇÕES PARA A PAZ

3.1 ANTECEDENTES ORGANIZACIONAIS E HISTÓRICOS

No ano de 1941, existiam nove governos exilados em função da invasão de seus países, sediados em Londres. Reunidos com outros aliados publicaram a Declaração do Palácio de St. James, em que fazem uma previsão sobre o pós-guerra, enfatizando a confiança em um futuro pacífico. Logo a seguir, em 14 de agosto do mesmo ano, publicaram a Carta do Atlântico, esboçando o surgimento de uma organização mundial.

Em janeiro de 1942, os países que se aliaram para a defesa em relação à aliança da Itália com a Alemanha e o Japão, considerados agressores, decidiram apoiar a Declaração das Nações Unidas. No ano seguinte, foram realizadas conferências em Moscou e Teerã, e todos os aliados declaravam-se comprometidos com a vitória na guerra e a construção de um mundo centrado na paz e na segurança internacional. Nos anos subsequentes, foram elaboradas propostas em Dumbarton, Oaks e Ialta.

Finalmente surgiu a Carta das Nações Unidas, construída pela ação de 50 países na Conferência sobre Organização Internacional, realizada em São Francisco em 26 de junho e formalizada oficialmente em 24 de outubro de 1945, data considerada como o Dia das Nações Unidas. O Brasil esteve presente e atuante, inclusive, sendo o responsável pelo discurso de abertura da nova entidade, tendo Osvaldo Aranha como seu representante e presidente da primeira sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas em 1947.¹

De caráter intergovernamental, a Carta das Nações Unidas traz a proposta de estudar caminhos facilitadores de cooperação entre os países integrantes da organização e, consequentemente, estabelecer em comum acordo, as diretrizes norteadoras da entidade, constituída inicialmente por um preâmbulo que identifica as intenções primaciais, apresentado a seguir pela grandeza de suas aspirações e síntese dos sentimentos e pensamentos dos envolvidos:

¹Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/91220-carta-das-na%C3%A7%C3%B5es-unidas>
Acesso em: 07/04/23

NÓS, OS POVOS DAS NAÇÕES UNIDAS, RESOLVIDOS a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que por duas vezes, no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direito dos homens e das mulheres, assim como das nações grandes e pequenas, e a estabelecer condições sob as quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional possam ser mantidos, e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade ampla.

E PARA TAIS FINS, praticar a tolerância e viver em paz, uns com os outros, como bons vizinhos, e unir as nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, e a garantir, pela aceitação de princípios e a instituição dos métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos.

RESOLVEMOS CONJUGAR NOSSOS ESFORÇOS PARA A CONSECUÇÃO DESSES OBJETIVOS. Em vista disso, nossos respectivos Governos, por intermédio de representantes reunidos na cidade de São Francisco, depois de exibirem seus plenos poderes, que foram achados em boa e devida forma, concordaram com a presente Carta das Nações Unidas e estabelecem, por meio dela, uma organização internacional que será conhecida pelo nome de Nações Unidas.²

(CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, PREÂMBULO, 1945)

3.1.1 Propósitos e princípios

Salientamos a seguir algumas informações significativas sobre os objetivos desta instituição internacional, citados no seu Capítulo I:

Manter a paz e a segurança internacionais são de importância primordial para se atingir os objetivos norteadores da organização, bem como o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações, no sentido de assegurar o respeito imprescindível à construção do princípio de igualdade de direitos e de autodeterminação entre os povos. Assim, assegurar a cooperação entre as nações para resolução dos problemas pertinentes, em nível internacional, de caráter econômico, social e humanitário.

² Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/carta-das-nacoes-unidas> Acesso em: 17/05/23

3.1.2 Estrutura da organização

A instituição, em sua estrutura organizacional, possui uma Assembleia Geral constituída por todos os signatários membros, que se autodeclaram amantes da paz e seguidores da Carta, um Conselho de Segurança com quinze membros, sendo cinco deles permanentes com poder de veto nas deliberações, um Conselho Econômico e Social, um Conselho de Tutela, uma Corte Internacional de Justiça e um Secretariado.

Atualmente, 193 países integram a ONU. Os Estados Unidos, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, França, China e a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas formam o grupo de membros permanentes do Conselho de Segurança, instituindo-se como os mais influentes países nas decisões. Os demais países integrantes deste Conselho, para o biênio 2022/23, são: Albânia, Emirados Árabes, Gabão, Gana, Índia, Irlanda, Quênia, México, Noruega e Brasil, que assume seu 11º mandato como membro não-permanente e terá a oportunidade de assumir a presidência nesta gestão³.

3.1.3 Principais ações da ONU

Desde a sua fundação, a ONU tem realizado ações preventivas de conflitos e interviu em algumas das guerras, constituindo forças de paz de âmbito internacional. Seu espectro de atuação foi se ampliando com o objetivo de melhorar o planeta e a qualidade de vida para todos. Agências específicas foram criadas para atender a diferentes objetivos e, periodicamente, define-se uma agenda com metas a serem alcançadas. Nesta década, investe no cumprimento da agenda 2030, baseada em cinco pilares: pessoas, planeta, prosperidade, paz e parcerias. Dessa forma, pretende-se assegurar a existência de sociedades mais igualitárias para todos, com condições dignas de sobrevivência, num ambiente preservado, saudável, com oportunidades de vida próspera. Esta agenda é conhecida como Desenvolvimento Sustentável da ONU composta com 17 objetivos alguns deles, especificamente, comentados a seguir ⁴:

³Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-assume-mandato-como-membro-do-conselho-de-seguranca-da-onu/> Acesso em: 10/05/23

⁴ Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel> Acesso em: 22/05/23

Esta agenda pressupõe *acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares*, no sentido de eliminar a fome garantindo a segurança alimentar, elevar o nível da qualidade nutricional, investir esforços para assegurar a agricultura sustentável e, dessa forma, oportunizar *uma vida saudável e promover o bem-estar para todos*.

Quanto à educação, a proposta é que seja eminentemente *inclusiva*, primando pela *qualidade e* extensiva às mais diversas faixas etárias naquilo que pertinente for em nível de facilitação de aprendizagem. É importante salientar a necessidade de se investir na sensibilização da população em geral e dos órgãos gestores em particular para implementação de meios facilitadores para *assegurar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas*.

Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos se constitui um objetivo de muita significação, que implica em se estabelecer políticas públicas que venham a encontrar as formas mais adequadas de conscientização das pessoas, a partir das famílias, das escolas, das universidades, entre outras, tarefas dependentes de ações proficientes das estruturas educacionais.

Pretende-se ainda, alcançar uma distribuição equitativa e universal da energia, que garanta o bem-estar individual e coletivo e contemple as demandas de expressão diversificada do potencial humano no sentido de *assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível a energia para todos*.

Os demais objetivos listados, se constituem propostas imprescindíveis para a formação de uma sociedade plena, capaz de atender a todas as demandas da pessoa humana, bem como zelar pela saúde do planeta.

Para atender aos objetivos da ONU, foram criados organismos, como:

[...] Organização Internacional do Trabalho (OIT); Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO); Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO); Organização Mundial da Saúde (OMS); Grupo do Banco Mundial – que inclui o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD); a Associação Internacional de Desenvolvimento (IDA), Corporação Financeira Internacional (CFI); a Agência de Garantia Multilateral de Financiamento (AGMF) e o Centro Internacional para a Resolução de Disputas Financeiras (CIRDF). São também

Agências Especializadas da ONU o Fundo Monetário Internacional (FMI); Organização da Aviação Civil Internacional (ICAO); União Postal Universal (UPU); União Internacional de Telecomunicações (ITU); Organização Meteorológica Mundial (OMM); Organização Marítima Internacional (IMO); Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI); Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA); Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO) e a Organização Mundial do Turismo (OMT). A Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA), embora também seja um organismo intergovernamental, presta contas de suas atividades, anualmente, à Assembleia Geral e, quando necessário, ao Conselho de Segurança e também ao ECOSOC. A Organização Mundial do Comércio (OMC) faz parte também deste grupo. (In; Abc das Nações Unidas, p18).⁵

Destas organizações, acima relacionadas, priorizamos a UNESCO, por atender mais especificamente ao objetivo principal deste trabalho.

3.2 ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO)

A Unesco, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, é uma agência especializada da ONU com sede em Paris, na França. Foi fundada no ano de 1945 com o propósito de auxiliar na reconstrução do sistema educacional de países aliados na Segunda Guerra Mundial, porém rapidamente expandiu sua abrangência e objetivos. Hoje, com 193 membros e 11 associados, visa à cooperação internacional para garantir a paz e o desenvolvimento sustentável, atuando nas áreas da educação, da cultura e da ciência.⁶

Compreendeu-se naquele período histórico que os acordos políticos e econômicos eram insuficientes para assegurar um futuro pacífico entre as nações, baseado na solidariedade intelectual e moral da humanidade. Entre seus objetivos merecem destaque: a educação universalizada, de qualidade, como direito humano fundamental; o diálogo entre as nações para preservação do patrimônio cultural em sítios e construções de reconhecido valor mundial; o desenvolvimento de ações integradas para a prevenção de catástrofes, e a proteção e uso sustentável de reservas aquíferas transfronteiriças; a proteção de liberdade de expressão como fundamento da democracia, forma de governo, adotada como a que melhor promove a dignidade humana. Assim se define a proposta da Unesco:

A missão da UNESCO é contribuir para a "construção da paz", reduzindo a pobreza, promovendo o desenvolvimento sustentável e o diálogo

⁵ Disponível em https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/abc_nacoes_unidas.pdf Acesso em: 22/05/23

⁶ Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/unesco.htm> Acesso em: 22/05/23

intercultural, através da educação, ciências, cultura, comunicação e informação. A Organização concentra, em particular, duas prioridades globais: a diminuição da taxa de analfabetismo e a igualdade de gênero.⁷

Seu projeto educacional contemporâneo baseia-se no Relatório Delors⁸ – Educação para o século XXI – Um tesouro a construir - que se estrutura a partir de quatro pilares descritos aqui em *itálico*, para diferenciação dos nossos comentários.

Aprender a conhecer, ou seja, desenvolver competências gnósticas, podendo agir no meio ambiente do entorno, resolver problemas em situações não usuais o que equivale a identificar instrumentos de compreensão da vida. *Aprender a fazer* para agir além da qualificação profissional em experiências sociais e laborais numa sociedade em constante mutação; *aprender a conviver* para participar e cooperar com os outros, em espírito de equipe, desenvolvendo a percepção das interdependências, habilitando-se a coexistir produtivamente com os diferentes, gerir pacificamente eventuais conflitos, observando-se o respeito pelo pluralismo dos valores e os níveis evolutivos dos participantes.

Aprender a viver juntos implica no desenvolvimento da inteligência interpessoal, na percepção do outro em sua singularidade e circunstância, vivenciar o valor da cooperação nas atividades a serem desenvolvidas em grupo, reconhecendo o seu semelhante como parceiro, superando a competitividade. Compreender que a interdependência é salutar nas relações humanas, onde todos podem contribuir com o seu saber e habilidades para uma convivência pacífica em prol do bem comum. *Aprender a ser*, nesse contexto, é uma atividade fundamental para expressar o potencial humano cada vez com melhor qualidade, gerando maior capacidade autonômica, criativa e de discernimento.

Esta educação valoriza os direitos humanos e pode construir um ensino-aprendizagem dos mesmos, por meio de um conjunto de ações de capacitação e difusão da informação, objetivando gerar uma cultura universal com técnicas, saberes e atitudes bem definidos.

⁷Disponível em <http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20747-unesco#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas,as%20na%C3%A7%C3%B5es%2C%20acompanhando%20o%20desenvolvimento> Acesso em: 30/05/23.

⁸ Disponível em http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf Acesso em: 22/05/23.

Deste modo, o acordo internacional pretende fortificar as liberdades fundamentais e o respeito ao direito de todos, promover a compreensão da diversidade cultural, a igualdade entre os sexos e a fraternidade entre todas as nações e povos, etnias, agrupamentos religiosos, linguísticos e raciais; estimular a participação cidadã efetiva em sociedades livres, onde impera o Estado de Direito e identificar formas de promoção da sustentabilidade centrada no indivíduo e na justiça social.

Além do mais, defende uma educação permanente, com vistas ao aprimoramento da pessoa humana, no sentido de acompanhar as mudanças da sociedade nos seus mais variados níveis de saber, de comportamentos e de uma visão de mundo cada vez mais abrangente.

3.3 UNIVERSIDADES EM PROL DA PAZ

3.3.1 Universidade para a Paz – Costa Rica

A constatação de que a educação é o melhor método de transformação dos costumes, da cultura, dos valores e das relações, e que na sociedade em franca expansão do conhecimento as universidades atuam como agências facilitadoras da difusão de ideias e comportamentos, permitiu ou estimulou o surgimento de várias iniciativas no mundo, genericamente denominadas de universidades da paz.

A Costa Rica, por suas escolhas governamentais em relação à paz, foi o país selecionado para sediar a Universidade para a Paz, tendo como indutora a ONU. Este país experimentou uma grande modernização nas três primeiras décadas após a Segunda Guerra Mundial e tomou medidas inusitadas, como abolir a existência das forças armadas, entregando a defesa da soberania nacional a organismos internacionais. Este passo permitiu ampliar seus investimentos em saúde, educação e seguridade social. E por sua determinação em construir a paz na América Central, seu presidente Oscar Rafael de Jesús Arias Sanchez foi agraciado com o Nobel da Paz de 1987.⁹

⁹ Disponível em <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-costarica> Acesso em: 22/05/23.

A Universidade para a Paz em Costa Rica é uma instituição de ensino superior criada pela resolução 35/55 de 5 de dezembro de 1980 da Assembleia Geral da ONU com programas de Mestrado e Doutorado que qualificaram alunos de mais de 120 países para se tornarem líderes capazes de atuar em diferentes contextos sociais e políticos, formulando estratégias e práticas de superação de conflitos e resolução de problemas que dificultam a coexistência pacífica. Seus programas estão focados em questões-chave como prevenção de conflitos, segurança humana, direitos humanos, segurança ambiental e reabilitação pós conflito.

São exemplos de seus cursos o mestrado em Direito Internacional e Solução de Controvérsias, em Estudos de Desenvolvimento e Diplomacia, em Sustentabilidade Ambiental e Social de Negócios, Gênero e Construção da Paz, Ciência Indígena e Estudos para a Paz, Mídia e Paz, Educação para a Paz, Estudos de Religião, Cultura e Paz, Meio Ambiente, Desenvolvimento e Paz, Gestão Responsável e Desenvolvimento Econômico Sustentável. A cada ano seleciona 200 alunos em todo o mundo para estes cursos. Além das atividades acadêmicas na Costa Rica, ela possui escritórios e programas na África, Europa, Ásia e América.

3.3.2 Universidade Sathya Sai para a Excelência Humana

Trata-se de uma estrutura educacional criada em 1981 pelo indiano Sri Sathya Sai Baba, líder espiritual, com o objetivo de realizar uma educação integral baseada em valores humanos que simultaneamente aprimore o conhecimento global e promova a auto-observação e a autoconfiança com um grande enfoque no desenvolvimento espiritual, em um ambiente apropriado para a autodisciplina. Enfatiza uma educação holística para o corpo, a mente e a alma, que torne a pessoa dotada de um intelecto altamente qualificado, com coração compassivo e mãos competentes. Valoriza a família e entende que a promoção da criança deve ser acompanhada de um projeto participativo de aprimoramento dos pais. Pretende preparar e motivar líderes auto inspirados, dedicados à vivência de uma conduta ética de alto padrão e ao serviço compassivo.

Esta entidade trabalha com o Programa Educação em Valores Humanos, do referido fundador, que se sintetiza em cinco valores: Verdade, Retidão, Paz, Amor e Não Violência. Cada um deles comporta detalhamentos; a Verdade pode ser trabalhada como

discernimento, autoanálise, espírito de pesquisa, perspicácia, sinceridade, honestidade, justiça, lealdade, sentido de realidade, coerência, humildade, imparcialidade, exatidão, interesse pelo saber.

Basicamente este programa pretende educar para a vida, formar ou remodelar o caráter, fazer emergir o potencial humano despertando cada pessoa para sua excelência por meio de um processo de autotransformação. Seus métodos de ensino e aprendizagem enfatizam o prazer de aprender, no clima amoroso das práticas, na liberdade criativa do pensamento, seus questionamentos e descobertas. Este programa de fácil implementação nas estruturas educacionais espalhou-se pelo mundo inteiro.

3.3.3 Universidade Holística Internacional de Brasília (UNIPAZ)

A UNIPAZ foi criada sob a coordenação do psicólogo Pierre Weill, que já tinha participado da Universidade Internacional Holística de Paris, inspirada na Declaração de Veneza da Unesco, num simpósio realizado na data de 3 a 7 de março 1986:

- 1- Somos testemunhas de uma importantíssima revolução no domínio da Ciência, engendrada pela Ciência fundamental (em particular, pela Física e Biologia), pela subversão que ela causa em lógica, em epistemologia e, também, na vida cotidiana através das aplicações tecnológicas. Mas constatamos, ao mesmo tempo, a existência de um importante distanciamento entre a nova visão de mundo que emerge do estudo dos sistemas naturais e os valores que predominam, ainda, em Filosofia, nas ciências do Homem e na vida da sociedade moderna. Porquanto estes valores são fundados numa larga medida sobre o determinismo mecanicista, o positivismo e o niilismo, sentimos este distanciamento como fortemente nocivos e portadores de pesadas ameaças de destruição da nossa espécie.¹⁰

Estimulados em estabelecer meios para integrar esses opostos e demais recomendações exaradas nesse documento nos demais 6 itens seguintes, da Declaração de Veneza, sob os auspícios de governador de Brasília, José Aparecido de Oliveira, e, por iniciativa deste, foi a lançada do dia 21 de setembro de 1987, a Fundação Cidade da Paz, “cujo objetivo seria o de criar, manter e administrar a futura universidade.” (WEIL, 1999, p. 166)

¹⁰ Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/files/declara.veneza.pdf> Acesso em: 23/11/22

Para tanto, foi necessário investir em eventos esclarecedores para a população que, de repente, se viu ameaçada por esses acontecimentos. Como é natural, toda ideia nova causa resistência, embora já existisse em Brasília, um grupo composto por jornalistas, poetas, arquitetos, educadores e psicólogos que liderava o movimento - Projeto UniverCidade, cujas ações eram inspiradas na filosofia holística. Enquanto alguns questionavam as iniciativas recentes do governo, outro grupo, que tinha conhecimento de causa, as acolhia.

Um desses eventos foi a realização do 1º Congresso Holístico Internacional de Brasília, que aconteceu no período de 26 a 29 de março de 1987, tendo como presidente de honra o Governador do Distrito Federal José Aparecido de Oliveira. O tema “foi centrado nas origens da destruição da vida no Planeta, a fragmentação do conhecimento, a Declaração de Veneza da Unesco e a necessidade urgente da implantação da transdisciplinaridade nas universidades do Mundo” (WEIL, 1999, p. 162)

Foi no último dia do congresso, “que no seu discurso de encerramento, José Aparecido anunciou, oficialmente, a sua intenção em criar a Universidade Holística Internacional de Brasília, convidando-me para assumir a liderança da instituição” (WEIL, 1999, p. 164). A inauguração oficial da Universidade aconteceu no dia 14 de abril de 1988, na Granja do Ipê, sede da Fundação Cidade da Paz:

Na presença do governador José Aparecido e do presidente do Conselho da Unesco, José Israel Vargas, foi desvelada a placa comemorativa do evento, com a citação do preâmbulo do ato institutivo da Unesco: *As guerras nascem no espírito dos homens. Logo é no seu espírito que precisam ser erguidos os baluartes da Paz* (WEIL, 1999, p. 172)

Além de Brasília, foram criados centros de reverberação da UNIPAZ em várias capitais dos estados brasileiros como: “Salvador (BA); Vitória (ES); Belo Horizonte e Uberlândia (MG); Belém (PR); Rio de Janeiro(RJ); Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria (RS); Florianópolis, Chapecó e Criciúma (SC); Aracaju (SE); Recife (PE); Fortaleza (CE); São Paulo e Campinas (SP); Goiânia (GO); e no exterior em Portugal, na França, na Bélgica e na Argentina”, que mantinham vínculos de pensamento e propósitos sem a subordinação jurídica, conforme a Carta Magna supracitada.

A partir da constatação de que toda universidade é guiada por uma teoria fundamental, ainda que inconsciente e não expressa, mas presente em todos os programas, a UNHI

construiu explicitamente um documento referente em que leva em consideração as seguintes visões tradicionais e atuais: “Ponto Ômega (Teilhard de Chardin); Sistemologia (S.Lupasco); Teoria da Complexidade (Edgar Morin); Teoria de Gaia (Lovelock); Teoria do Universo Autoconsciente (Amit Goswami); Teoria dos Campos Morfogenéticos (Sheldrake) e Teoria Holonômica do Universo (David Bohm).” (WEIL,2000, p. 170)

Com tais contribuições ao saber, redefiniu-se consensualmente o que é a realidade última: um espaço primordial infinito e consciencial de onde emana a energia de tudo. Considerou-se que “todos os sistemas do Universo são de natureza energética, que assumem formas inseparáveis: Noológica (informacional); Sentido Hermenêutica; Sistemática Programática; Biológica (Vital); Física (Material”. (WEIL.2000.p.171). Deriva-se daí uma compreensão não fragmentária da energia, cuja gênese pode ser explicitada na seguinte sequência: Espaço consciencial, informação, vida, matéria.

Apesar dos sistemas energéticos serem integrados, a mente do ser humano se separa do Universo e cria a *fantasia da separatividade* que também o afasta da sociedade e da natureza, esquecendo que planeta, sociedade e indivíduos são indissociáveis. Além disso, a consciência individual se acha separada da consciência universal e, dentro dele mesmo, a mente como informação se separa das emoções, símbolo da vida do corpo representação da matéria. Assim começa o processo de destruição da ecologia pessoal e a fragmentação atinge a pessoa como ser. E, em função de estar separado de tudo, o indivíduo gera emoções destrutivas no plano da vida, sobretudo pelo desenvolvimento do apego e da possessividade de coisas, pessoas e ideias que lhe dão prazer. Isto se apresenta no corpo como estresse e seu cortejo de adoecimentos.

Na sociedade, o ser humano gerou uma cultura fragmentária, uma vida social e política violenta e sistemas econômicos de exploração. Também no conhecimento se projetou esta fragmentação com a dissociação das esferas culturais – ciência, filosofia, religião e arte. A ciência, hegemônica na atualidade, se dividiu em física, biologia e noética, e uma sociedade possessiva e exploradora estendeu sua separatividade às relações com a natureza, destruindo-a.

A função da UNHI-Brasília consiste em difundir o novo modo de perceber a realidade, despertando a consciência de agentes decisórios. Para tanto, ela se propõe a impulsionar

uma nova cultura de paz, identificar e preservar os aspectos da cultura brasileira indicadores da paz, e dessa forma, espargir energias salutares que facilitem um ambiente de harmonia, ante os possíveis desafios decorrentes da relação humana. Primar por estreitar laços de amizade entre as pessoas e os demais organismos e, num sentimento de pertencer, formar elos entre as demais universidades similares do mundo. Pretende a formação de uma comunidade com vistas ao século XXI, considerando a UNIPAZ como:

Um lugar de desvelar a plena consciência; Um refúgio do ambiente patogênico da sociedade; Um lugar para a descoberta de nossa razão de ser e existir; Um lugar de vida plena; Um centro de pesquisa de questões essenciais da vida; Um lugar de encontro entre o Oriente e o Ocidente, Norte e Sul; Um lugar de encontro entre ideologias e tradições diversas; Um centro de educação da Arte de Viver em Paz; Uma transmissão da Arte de Viver em Paz; Viver em paz consigo mesmo (ecologia da mente), consciência individual (egocentrada); Viver em paz com a sociedade (ecologia social), consciência social (sociocentrada); Viver em paz com a natureza (ecologia planetária), consciência planetária (geocentrada)". (WEIL,1999, p.183)

Para funcionar, a UNHI deve executar programas e projetos, todos eles, tendo como característica fundamental desenvolver uma ou várias formas construtivas de energia, utilizando-se da abordagem holística, isto é: “Holologia: Estudo e discussão teórica de textos levando à compreensão correta (Lado esquerdo do cérebro) e Holopráxis: Práticas que levam à vivência holística (Lado direito do cérebro).” (WEIL,1999, p.187)

Sua pretensão em termos de público é ser acessível a todos os níveis econômicos, idades e níveis culturais, pensando globalmente e agindo localmente. Como núcleo estruturante do pensamento holístico, a UNIPAZ instituiu a Formação Holística de Base (FHB)¹¹:

É um programa de educação transformadora criado com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento integral do Ser Humano, possibilitando a promoção da Cultura da Paz. É ofertado em duas modalidades: curso livre e pós graduação lato sensu. A programação parte de uma proposta pedagógica teórico-vivencial que estabelece pontes entre as quatro funções psíquicas preconizadas por Jung: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Essa interação favorece a integração e a transformação individual, considerando as três ecologias ou três consciências: ecologia interior (consciência individual), ecologia social (consciência social) e ecologia da natureza (consciência ambiental). O curso utiliza a abordagem transdisciplinar holística, que propõe uma visão integral e sistêmica da realidade, priorizando o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento – arte, ciência, filosofia e tradições espirituais. [...]

¹¹ Disponível em: <https://www.unipazsp.org.br/project-view/formacao-holistica-base/> Acesso em: 22/05/23

A referida FHB é destinada a todas as pessoas interessadas no seu autodesenvolvimento e na construção de um novo olhar ampliado e inclusivo, para a realização de mudanças significativas.

A FHB em sua dimensão realizadora do ser está sintetizada no livro *A Arte de Viver a Vida* (WEIL 2001), que apresenta a abordagem holística em capítulos: Viver em Paz, Viver Consciente, Viver em Plenitude, Viver em Harmonia, Viver o Conflito, Viver a Natureza, Viver a Passagem e conclui com E a vida continua. Aproveitando-se de sua adesão à Psicologia Transpessoal e à necessidade de exemplificar a sabedoria holística na perspectiva evolucionista, Pierre Weil escreveu relatos autobiográficos facilitadores para a compreensão da formação holística de base: *A revolução silenciosa* e *Lágrimas de compaixão*.

Com o objetivo de difundir esta nova cultura, a UNHI realizou congressos até 2019, que abordam temas instigantes como construindo um paradigma para o século 21, um clamor holístico pela paz, transformação pelo amor, o reencantamento do mundo, felicidade e espiritualidade, ciência, educação e ecologia, entre outros.

Essas tomadas de decisão mostram a relevância da educação para o desenvolvimento da cultura da paz na civilização. Vale ressaltar que para ser eficiente, a aprendizagem deverá ser multidimensional, de natureza intelectual, emocional, mental, volitiva, valorativa, social e ecológica.

As principais atividades da UNIPAZ descritas por Weil:

Educação -Sensibilização; Seminário “A arte de viver em paz, criado na UNIPAZ e publicado pela UNESCO, em francês, inglês e traduzido em cinco línguas; Programa Beija-flor; Colônias de férias ecológicas; Workshops, seminários, conferências e congressos. Formação Holística de Base para adultos; Programa TABA (Trabalho Artesanal em Benefício do Aperfeiçoamento) para adolescentes de baixa renda; Educação Básica na Casa do Sol; Tai-Chi pelo mestre chinês Pai Lin; Pós- Formação Terapeutas (Colégio Internacional dos Terapeutas); Tradição Xamânica; Core Energetics (Pelo prof. norte-americano John Pierrakos; Estudo da consciência; Tanatologia. Estudos e pesquisas - Programa Andorinha sobre Transcomunicação; Cultura de Paz no Brasil; Acompanhamento de Cursos. Ação Reparadora - Colégio Internacional de Terapeutas; Desenvolvimento Organizacional Holístico para Empresas; Mutirão de Saúde; Mutirão Ecológico. Megaprogramas- Congressos Holísticos. (WEIL, 2000, p.189/190)

Para sua realização, são necessárias metodologias e instituições inovadoras, capazes de atender à pessoa humana, independentemente da faixa etária em que se encontre. É claro que há demandas pertinentes à primeira infância, à adolescência etc. Contudo, a educação deve ser constante pois em qualquer fase da vida, há possibilidade de aprender a arte de viver em paz consigo mesmo, com a natureza e com a sociedade.

4 PERSPECTIVA HOLÍSTICA PARA A EDUCAÇÃO

4.1 BREVE ESCLARECIMENTO SOBRE A DESCRIÇÃO DE UMA PERSPECTIVA

Ao descrever uma perspectiva educacional, devemos considerar que a mesma é um derivado de várias contribuições em termos de saber, em especial da Filosofia e seus ramos como a Metafísica e sua Cosmologia, a Axiologia, a Ética e a Gnoseologia; da Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano, da Antropologia, da Sociologia e da Biologia. Deste conjunto de conhecimentos, elaboramos as principais questões definidoras de qualquer concepção educacional: visão de pessoa e de educação, as funções do conhecimento ou como aprendemos e função do professor e do aluno.

4.2 AFINAL, QUE SOMOS? A PESSOA NA PERSPECTIVA HOLÍSTICA

Consideramos com base na abordagem evolucionária holística do Cosmos que o ser humano é um hólón “emergente” da consciência em expansão, que compõe a noosfera ou camada de pensamento planetária, com expressão existencial multidimensional, singular e coletiva, em contínuo transformismo na busca da autorrealização e auto transcendência, síntese de um momento do evoluir cósmico.

Sua expressividade multidimensional caracteriza-se por uma face fenomênica, imersa no tempo, impermanente, mutante em constante elaboração de sínteses evolucionárias. Como efeito didático do método analítico, podemos elencar as seguintes dimensões existenciais da pessoa humana. Corporal, emocional e mental, volitiva, valorativa, relacional, psíquica, espiritual, além de outras dimensões transpessoais.

A dimensão Corporal, estudada usualmente pelas ciências físicas, químicas e biológicas, apresenta funções que transcendem estes saberes, pois o corpo faz da pessoa um ser-no-mundo e, por causa de sua existência, nos tornamos sujeitos às leis da matéria, nos reconhecemos também constituídos por ela e nos colocamos no mundo das coisas e de suas limitações espaciais. Assim a *somaticidade* nos conduz ao estabelecimento de relações ônticas, ou seja, relativas ao ser, com realidades espacialmente próximas, sendo o marco a nos situar em relação a outros entes físicos. Ele também possui uma participação gnoseológica, portanto, centrada no conhecimento humano, pois é através

dos sentidos que nos aproximamos da realidade sensorial do mundo. Nele também manifestamos nossos estados psíquicos, reconhecemos nossos estados de bem estar ou mal estar e cristalizamos nossa autoconsciência.

Por meio do corpo desenvolvemos nossa função de posse, a começar pela existência e, por isso, só se pode reclamar como próprio aquilo que entramos em contato corporal. Neste ato de possuir, o corpo se expande e os entes materiais passam a se constituir em prolongamentos seu. Também são identificadas no corpo uma função moral ou ascética, já que a perfeição do homem está vinculada, em parte, aos hábitos somáticos.

Por outro lado, a sensibilidade aos estímulos externos está associada à dimensão Emocional, onde são processadas as reações que se configuram como um estado de agitação interna, repentino e intenso, normalmente, de pouca duração. Entretanto, este processo ofusca a mente, que sofre uma espécie de paralisia do pensamento e produz reações corporais. Podem ser agradáveis como entusiasmo e alegria, gerando sensações de vigor, força e exaltação ou desagradáveis como raiva, angústia e tristeza, o que diminui o tônus vital do organismo, enfraquecendo-o.

Também no campo do emocional pode-se delinear diversos tipos psicológicos. Há, de fato, aquele no qual predomina o aspecto receptivo, passivo, sugestível da zona emotiva; esse é sensível, volúvel, influenciável, frequentemente introvertido e egocêntrico, porém capaz de sublimar sua sensibilidade em relação ao alto, de catar intuitivamente e de experimentar estados místicos superiores. Pode haver, além disso, o tipo no qual predomina a afetividade; é expansivo, cordial, sociável, capaz de experimentar amizade e amor, de estabelecer relações afetivas duradouras, mas também de sentir antipatias e inimizades e tornar-se escravo de apegos muito fortes. (BATÀ, 1995, p.16)

A nossa matriz ou fábrica de pensamentos e imagens onde se realiza a atividade de elaborar representações, abstrair, comparar, julgar e raciocinar refere-se à dimensão Mental. Nesta dimensão se organizam as sensações e percepções provenientes do mundo dos instintos, das emoções e do exterior, através dos cinco sentidos. Trabalha fazendo associações, recordando, codificando em linguagem e símbolos de comunicação e, com a ajuda dos valores, faz seus julgamentos e elabora suas ideias e leis. Normalmente predomina o funcionamento analítico, lógico e concreto; com menos frequência, desenvolve pensamentos abstratos, intuitivos e sintéticos.

Para alguns pensadores o querer é o que nos faz humanos, sendo mais importante do que o falar e o reconhecer. Por ele surgem a autodeterminação, o livre arbítrio, a decisão. Podemos, pois, ter as mais elevadas aspirações, desejos e sonhos, que podem contribuir para o nosso bem-estar no mundo, mas a concretização desses ideais só se efetiva pela determinação da vontade, que representa a dimensão Volitiva do ser. Ela decorre do fato de que:

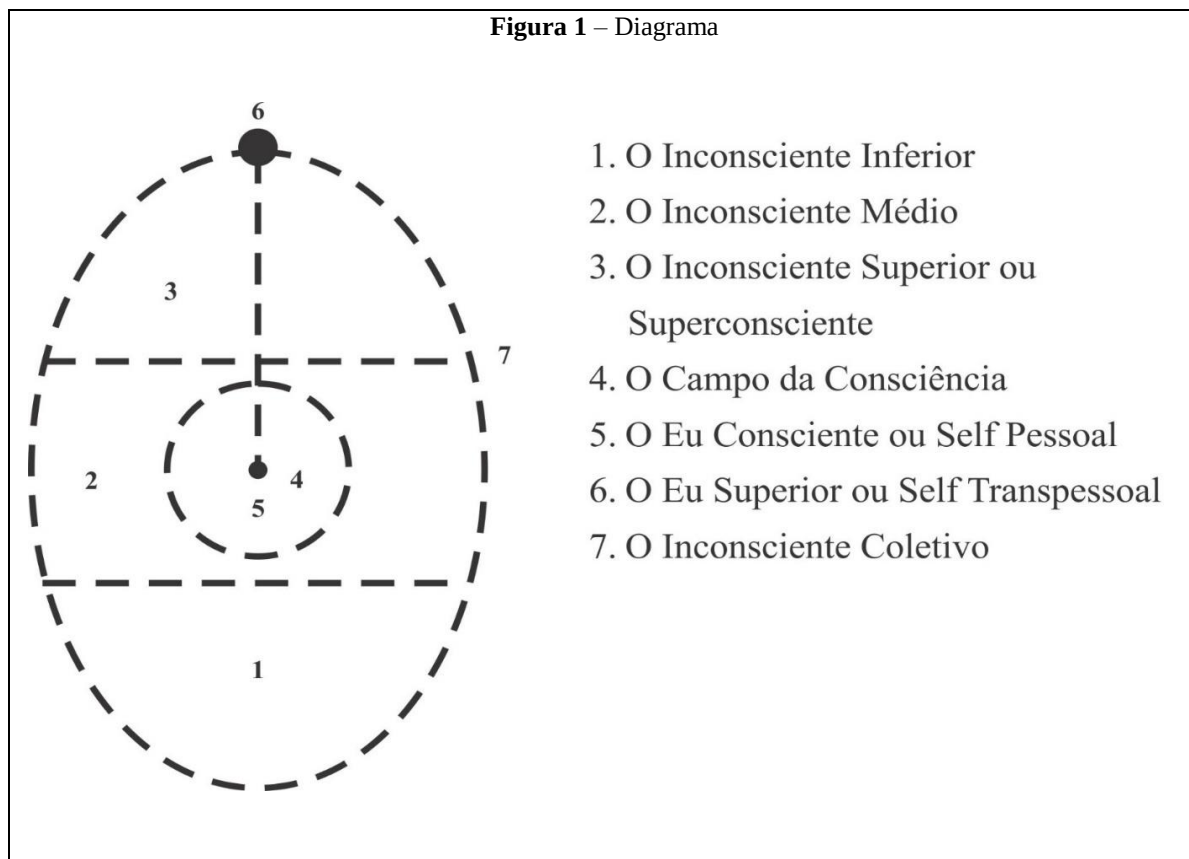
[...] o homem não está imobilizado em um estado de quietude permanente, mas é cheio de dinamismo, e os seus movimentos, as suas atitudes e atividades não são determinadas por fatores, por agentes externos como acontece com uma pedra que se move, ou com um automóvel, e também não se explicam tais movimentos e ações com o automatismo que encontramos nos animais e nas plantas. (MONDIN, 1980, p.106)

Importante salientar que nossa vontade se expressa por meio de um sistema de valores construídos e organizados ao longo de nossa existência e que facilitam o nosso sistema de decisões. Esses valores podem ser de natureza ética, moral, estética, utilitária, vital e espiritual, e são hierarquizados, conforme nossas crenças e, dessa forma, constituímos nossa dimensão Valorativa.

O sentimento é a mais importante das faculdades. Através dele estruturamos a nossa dimensão Afetiva onde se situam desejos e paixões. Esta, por sua vez, apresenta três partes: o desejo de prazer, o de conquista e o de amor. Este último demonstra nossa abertura fundamental para o outro como na amizade, ou para os ideais e transcendência como na devoção. Assim nos percebemos seres múltiplos e das interações nos constituímos como pessoa, algo que não ocorreria em estados de isolamento quando algumas faculdades se estiolam. Desta dimensão decorre uma outra, a Relacional que pode ser vista desde às interações interpessoais simples, até às ecológicas, sendo intermediadas pelas vivências familiares, comunitárias, sociais, laborais e lúdicas.

Do modo como estabelecemos nossas relações depende nossa segurança, o pertencimento, a qualidade da vida afetiva que decorre da maneira como constituímos nossas relações, gerando carências e satisfações, prazeres e frustrações. Nas relações sociais manifestamo-nos como seres históricos, compartilhando sua cultura, sua intersubjetividade, sua dinâmica organizacional, o que nos torna em termos filosóficos, seres políticos.

A dimensão Psíquica é representada contemporaneamente por cartografias complexas. Aquela que nos parece mais completa e atual é expressa no gráfico produzido pelo Dr. Roberto Assagioli:



Fonte: (TABONE, 1993, p.74)

Conforme o quadro de Assagioli (1982), O Inconsciente Inferior (1) representa basicamente as experiências psicológicas do passado na forma de conteúdos reprimidos, aprendizagens sintetizadas, complexos organizados e memórias esquecidas. Nele estão as atividades psicológicas elementares que dirigem a vida corporal, os instintos fundamentais e os impulsos mais primitivos;

O Inconsciente Médio (2) refere-se à zona psíquica onde se encontram habilidades, estados emocionais que podem ser trazidos para o nosso campo da consciência de vigília, e no Campo da Consciência (4) que por sua vez é nosso modo de percepção da realidade quando acordado e temos percepção direta do fluxo incessante de sensações, imagens, pensamentos, sentimentos, desejos, que podemos observar, analisar e valorar;

O Inconsciente Superior (3) é nosso superconsciente, zona de aspirações evolucionárias de onde promanam as inspirações e intuições, os imperativos superiores éticos, os sentimentos mais altruísticos, os estados contemplativos, a iluminação e o êxtase;

O Eu Consciente ou Self Pessoal (5) é a estrutura ou complexo que nos dá o senso de identidade no campo da consciência e é um reflexo do Eu Superior ou Self Transpessoal (6) centro da totalidade da vida psíquica consciente e inconsciente;

Há ainda o Inconsciente Coletivo (7) gerado ao longo da história ancestral arcaica e partilhado por todos os seres humanos.

A dimensão Espiritual nos permite transcender o humano, reconhecer algo maior mais vasto e grandioso que nós, princípio causal incausado, organizador do Cosmos e que define o sentido da existência. Com frequência, se exterioriza sob a forma de cultos e ritos religiosos. Pode ser vivida através de experiências místicas, êxtases com mudança do estado de consciência. Esta dimensão nos conecta com o absoluto, o infinito, o eterno.

Além das dimensões supracitadas podemos contabilizar outras dimensões identificadas pelos estudos transpessoais, a exemplo da anímico-mediúnica que trata das vivências com seres extrafísicos, e a palingenésica que nos faz experimentadores de múltiplos corpos em diferentes épocas, carregando no inconsciente as memórias sintéticas de outras vidas.

A manifestação do ser não pode ser confundida com o próprio ser. Ele é essência e sua manifestação é existência. Assim entende-se que o ser é imutável, permanente, consciência de totalidade, atemporal, não espacial, permeando e fazendo evoluir a manifestação existencial.

Assim podemos afirmar que somos e existimos e nos constituímos como ser e vir a ser, mutação e permanência, experimentando a existência em ritmos evolucionários:

És, a um tempo, o *ser e vir-a-ser*, a essência e a existência. Como ser, és o infinito em potência; como vir-a-ser, és a eternidade em ato. A potência é promessa que se faz ato, na ordem da existência, e o ato é conquista que se torna aperfeiçoamento, na ordem da essência. (ROMANELLI, 2002, p. 66)

A análise imediatamente anterior descritiva das dimensões permite compor um quadro estático da pessoa. Adotamos na educação holística a perspectiva de Teilhard de Chardin, que considera o humano como o eixo e a flecha da evolução, o fenômeno cosmológico mais complexo que cria a noosfera ou esfera de pensamento contínuo e se torna autoconsciente e consciente do processo evolutivo, sabendo-se um momento deste processo que nos antecede, dele participamos e ele prossegue. “O Homem, não mais centro estático do Mundo, como por muito tempo se acreditou; mas eixo e flecha da Evolução”. (CHARDIN, 1978, p. 39).

Numa abordagem holística, também somos todo/parte simultaneamente, e possuímos todas as características atribuídas a um hólón. Por isso agimos para a autopreservação, buscamos interagir em comunidade, temos impulsos de transcendência e dissolução; e da confluência destes impulsos surge nosso constante transformismo, seja no mundo pessoal objetivo, em nossa subjetividade individual, na consciência cultural ou nas estruturas sociais. Somos seres em aprimoramento e nossa consciência subjetiva apresenta claramente estágios de desenvolvimento passíveis de descrição por escalas evolutivas.

O paradigma emergente, focaliza o indivíduo como um hólón, um todo constituído de corpo, mente, sentimento e espírito. Ao mesmo tempo, sujeito da história em sua dimensão social, dotado de múltiplas inteligências, um ser inconcluso e em crescimento constante que necessita educar-se ao longo da vida, desenvolver-se em direção à maturidade, não apenas no crescimento físico, mas sobretudo num crescimento interior, qualitativo e multidimensional, uma vez que todos os aspectos que o compõem se influenciam mutuamente. (MORAES, 2014, p. 167)

4.3 O CONCEITO HOLÍSTICO DE EDUCAÇÃO

A abordagem holística para a educação considera o processo evolucionário do Universo e caracteriza o ato educativo como parte dele, na medida em que amplia a consciência e suas manifestações, promove a autonomia de cada indivíduo, permite sua integração em suas comunidades e desvela aspectos transcendentais no existir. Assim faz desabrochar a liberdade e amplifica a criatividade. Além disso, subsidia o acréscimo de complexidade social. Portanto, exercita todas as propriedades de qualquer hólón como ocorre na evolução, inclusive a dissolução, pois trabalha com o decesso corporal e as possibilidades de seu aproveitamento na vivência da dimensão espiritual.

Para atingir seus objetivos sintetizados na expressão manifestar o que já se é, ou seja, expressar no mundo em plenitude a natureza intrínseca do ser essência, compreendemos com Chardin, que os processos educacionais, tendo como fim último a realização humana, devem trabalhar três movimentos básicos, a centração, a descentração e a super centração.

Centrar-se significa conhecer-se e cultivar-se. Resgata-se neste movimento a tradição grega popularizada por Sócrates, difundindo a inscrição do templo de Delfos – conhece-te a ti mesmo – Este conhecimento e cultivo na contemporaneidade leva em consideração a complexidade da manifestação existencial do ser, supracitada ao descrever o conceito de pessoa. Para realizar este autoconhecimento e consequente auto cultivo é necessário se apropriar da técnica da construção dos automatismos, que nos permite visualizar o futuro evolutivo em cada um de nós, representado pela zona superconsciente da dimensão psíquica, por meio da meditação, da inspiração, do devaneio para os quais existem inúmeras técnicas, codificá-lo na zona consciente sob a égide da dimensão mental e estruturar experimentos sob a forma de exercícios e comportamentos que, progressivamente, se tornarão hábitos, condicionamentos e, portanto, automatismos. Este conhecer-se poderá nos trazer saberes sobre todas as dimensões existenciais acima descritas, percebidas conscientemente e que podem ser objeto de detalhamento de um projeto educativo pessoal ou singular. Alguns exemplos poderão explicitar isto.

Na dimensão mental podemos aprimorar o poder de concentração e da capacidade de atenção; expandir a capacidade de pensar, sua abstração, complexidade e competência na elaboração de pensamento divergente dialético e sintético; organizar ideias em torno de uma ideia central e superior, que servirá de guia do pensamento; desenvolver a capacidade de controlar pensamentos, rejeitar os indesejáveis, reforçar os interessantes, assegurando a si próprio a definição do que se quer e quando quer pensar; exercitar a produção do silêncio mental e a abertura ou receptividade a inspirações e intuição.

Na dimensão corporal podemos aprimorar o controle e a disciplina de funcionamento do corpo promovendo o desenvolvimento integral, metódico e harmonioso de todos os seus movimentos; corrigir eventuais defeitos ou deformidades; aprimorá-lo a partir de um conceito estético do Belo que enfatize a harmonia, o simples, o saudável; amplificar a sensação de vitalidade.

Na dimensão emocional é necessário reconhecer o mapa das emoções, caracterizar os estímulos que a desencadeiam e cultivar as agradáveis; pode-se também focar na conquista da impassibilidade condição das pessoas que alcançaram a liberdade em relação ao mundo e aprenderam a agir sem reagir.

Na dimensão valorativa podemos reconhecer os valores que norteiam nossa atual fase evolutiva, como eles orientam o nosso sistema de decisão, sua hierarquia em termos de relevância ao influenciar nossa interpretação da realidade e definir nossas condutas.

Na dimensão volitiva a atuação pode ser em verificar a potência de nossa vontade, sua diretividade, persistência e habilidade em alcançar o objetivo.

Para bem realizar o processo de autoconhecimento é necessário conhecer escalas evolutivas, pois esta noção nos auxilia a perceber em que parte do mapa da evolução nos encontramos e qual a próxima localização. Adicionalmente, é preciso definir como iremos proceder para facilitar nossa metamorfose, conscientemente.

Na atualidade, se preconiza realizar a autoeducação, superando o modelo de identificação de virtudes e defeitos por estágios de desenvolvimento da consciência de forma a escapar do maniqueísmo julgador, que nos leva a perceber e representar os eventos como certos ou errados, bons ou ruins, como se houvesse um padrão estático que serviria de parâmetro para o julgamento.

Deste modo, para sermos plenos, devemos trabalhar por toda a nossa vida, incutindo mais ordem, mais unidade em nossas dimensões pessoais, em nossa subjetividade e em nossa vida interior, além de nos elevarmos em termos de estágios evolutivos. Assim a autorrealização é um constante autodescobrir-se, encontrar-se e fazer-se. Para realizar adequadamente tal movimento é necessário com frequência anular a tendência que nos leva ao menor esforço, a ficar no mesmo nível evolutivo e a procurar apenas a agitação do mundo exterior.

Por outro lado, movimento de descentrar-se consiste em reconhecer-se enquanto ser humano como partícipe de um fenômeno plural, onde há miríades de semelhantes e se trata de um fenômeno de massa, libertando-se da imaginação egóica de experienciar o processo evolutivo isolado. Daí depreende-se que nenhuma realização será completa sem

as interações com os outros, saindo de nós mesmos, criando hólons mais complexos, com acréscimo de consciência e complexidade a partir da dimensão relacional.

Este movimento, que depende da percepção do outro em seu nível evolutivo, se exerce por meio da partilha de experiências de crescimento e integração, numa totalidade maior. Significa ampliar o ego pessoal pela inclusão interativa de outros hólons em relações criativas, geradora de padrões afetivos existenciais mais evoluídos, capaz de coexistir com a diferença e a diversidade, aproveitando-as como vantagens evolutivas. Como afirma Chardin, autor da tese de que o processo evolutivo do cosmos é um fenômeno de amorização, que na descentração descobre-se “o sentido profundo do amor, que sob todas as suas formas, impele-nos a associar o nosso centro individual com outros centros escolhidos e privilegiados - o amor cuja função e encanto essenciais consistem em nos completar.” (CHARDIN, 1978, p. 81)

Este movimento nos levará a sentir partícipe da humanidade. O discurso da civilização cristã existente nos textos do Novo Testamento parece ser quem mais enfatiza a relevância da descentração. A *Parábola do Bom Samaritano*, a recomendação do amai-vos uns aos outros, as primeiras eclesias organizadas em favor dos vulneráveis são exemplos de descentração. Sob a égide do amor ao próximo estabelece-se uma consciência social de responsabilidade coletiva. Este movimento para ser pleno necessita superar o egoísmo que nos leva a um fechamento em nós mesmos ou a tentar colocar os outros como seres submissos. E o ato de amar se torna estéril por não se situar no âmbito do espírito de doação.

Movimento de supercentração significa realizar a vida pessoal em função de uma totalidade transcendente, o ponto ômega de Chardin ou expressar o Self no cotidiano em plenitude, como define Jung. Equivale a experienciar viver em função de um ideal cósmico, entregar-se a um projeto evolutivo univérsico e conhecer o sagrado por meio de vivências numinosas.

Quando plenamente realizado, o movimento de supercentração nos conduz, em termos de existência, para um interesse universalista, a um ativismo sustentador da Vida e a uma consciência de ser partícipe de uma totalidade transcendente.

Estes movimentos bem vividos nos levarão a usufruir uma felicidade de crescimento única, possível e verdadeiramente real, que ocorre pela unificação de nós mesmos no âmago do nosso ser, pela união nossa com outros seres semelhantes e pela subordinação de nossa vida a uma vida maior que a nossa.

Considerando a pessoa como essência que se manifesta na existência, possuidora em potência de uma perfectibilidade original e finalística, o papel da educação consiste em facilitar o desvelamento ou a expressividade desta potência. Daí afirmar-se que educar é educar, fazer aparecer aquilo que já é na interioridade da pessoa. Os movimentos supracitados pretendem ser a descrição do processo de ensino-aprendizagem, objetivando este expressar-se em plenitude.

No âmbito do conhecimento em geral, a educação holística pretende superar a fragmentação do saber construída a partir de uma compreensão incompleta da contribuição de René Descartes, que tornou hegemônica a razão analítica, instituindo a divisão dos problemas em partes menores para melhor pesquisá-las como base do método científico e abriu caminho para o sucesso dos modelos especializados do conhecer. Além disso, a diferenciação das esferas culturais brilhantemente construída no início da Idade Moderna, criando autonomia para a ciência, a filosofia a religião e a arte, com o passar do tempo, tornou-se uma dissociação patológica dos saberes, e a ciência passou a ser cultuada como o único saber relevante à semelhança com o que ocorreu com a teologia na Idade Média. A superação proposta pretende enfatizar a transdisciplinaridade como método de reintegração dos saberes e a complementaridade das esferas culturais para se alcançar uma plena sabedoria.

A educação holística também pretende reintegrar o sujeito da observação no processo de produção do conhecimento, mudando a noção de ciência objetiva para ciência epistêmica, ou compreensiva. Assim desaparece o mito da neutralidade científica, entronizado pelos modelos da ciência moderna, pois a própria Física Quântica constatou que o ato da observação altera a natureza do objeto e o conteúdo do fato é uma totalidade indivisa, composta também pelos modos de observação, da instrumentação utilizada e da base teórica do experimento.

Outra reintegração proposta é entre o quantificável e o qualificável. A matemática foi a linguagem adotada pela física como a desejável para exprimir o conhecimento pois possibilitava à razão propor, com precisão, análises e modelos de representação passíveis de mensuração e assim, conhecer passou a ser sinônimo de quantificar.

Acontece que a realidade humana é muito mais complexa do que aquela descrita por mensurações, pois estados subjetivos, interações sociais, historicidade e narrativas pessoais não podem ser traduzidas em linguagem numérica. Assim retoma-se uma tradição de realizar descrições qualitativas, validando-as por outros critérios ao lado das quantificações.

Na abordagem de Crema, pode-se conceber uma Holística que integra análise e síntese na dinâmica do todo e as partes. Afirma que são métodos complementares e não antagônicos. A análise decompositora precisa ser sucedida e não substituída por uma síntese unificadora. Comenta que o método analítico

[...] Gerou o enfoque disciplinar caracterizado pela tendência reducionista e unilateralidade da visão. Sustentado no paradigma mecânico clássico, inclinou-se para um enfoque mecanicista. Caracteriza-se pelo aspecto quantitativo, perseguindo o ideal da codificação matemática. Fundamenta-se, sobretudo, na razão e sensação, dirigindo-se pelos conhecidos cinco sentidos humanos. Parte do princípio da forçosidade, ou seja, prescreve a existência de leis necessárias e gerais que engendram o determinismo, visando o controle e a previsibilidade. (CREMA, 1995. p. 28)

Ainda Crema, definindo o método sintético, atribui-lhe as seguintes características:

[...] Focaliza a totalidade, a interconexão, a forma, a Gestalt, visando o processo de vinculação e unificação. Sua tendência é ampliadora e de integração. É uma via qualitativa que se indica mais por linguagem poética e através de metáforas por seu caráter inefável. É orgânico, retomando os ritmos vitais fundamentado, principalmente nas funções psíquicas do sentimento e intuição. Parte de um espaço de indeterminismo, de intrínseca liberdade e responsabilidade. Enfatiza a participação e a singularidade de cada encontro. Ocorre na instantaneidade, no salto abrupto, no insight: é não cumulativo. [...] Focaliza a finalidade, o significado ou sentido. Sua vocação é experiencial; seu produto típico é fruto do laboratório vibrante da vivência humana. (CREMA, 1995, p. 29)

4.4 AS FACULDADES HUMANAS DO CONHECIMENTO

As atividades de conhecer ou gnósticas são realizadas por meio de faculdades. O Iluminismo endeusou a razão e validou os sentidos como fonte de percepções sobre o mundo. Assim se constituiu o paradigma newtoniano - cartesiano da Modernidade baseado no modelo empírico racional, admitindo-se como objeto de estudo somente o que pudesse ser percebido pelos sentidos, portanto, passível de experimentação. Em outras palavras o universo passível de estudo é aquele que afeta o sensorio e, por conseguinte, só pode ser aquilo que puder ser definido como material, ocupando espaço e ocorrendo no tempo. Do ponto de vista da educação holística este universo é restritivo e as faculdades gnósticas, limitadas.

Os estudos da Psicologia Junguiana apontam para o uso de quatro funções a saber: Sensação ou percepção, função psicológica que transmite um estímulo físico percebido. Trata-se de um fenômeno elementar, algo simplesmente dado, ainda não submetido ao escrutínio da razão. Intuição é a função psicológica que se ocupa em transmitir mensagens do inconsciente ainda que sobre o mundo exterior como um todo coeso, uma síntese totalizadora sem que sejamos capazes de identificar a origem e o passo a passo lógico do pensamento analítico; possui, à semelhança da sensação, o caráter de um dado.

Pensamento ou intelecto é a faculdade psicológica que estabelece conceitos e suas conexões nos conteúdos e representações dos dados em conformidade com suas leis. Sentimento é a função psicológica que discrimina ou identifica o caráter agradável ou desagradável do vivido sendo um critério julgador no sentido de recusa ou aceitação.

Estas funções psicológicas são utilizadas no entendimento do conhecer das esferas culturais. A ciência comum utiliza-se prioritariamente da sensação e da percepção; a filosofia trabalha principalmente com o pensamento ou intelecto e a intuição; na arte prevalece a sensação e o sentimento e na tradição espiritual ou religião há a hegemonia do sentimento e da intuição.

4.5 A FUNÇÃO DOCENTE

Para Crema existem três tipos básicos de facilitadores: o centrado na técnica, o centrado na pessoa e o holocentrado. Na verdade, os tipos supracitados são estágios de uma escala

evolutiva que inicia com a imaturidade do iniciante e alcança a maestria na facilitação de transformações pessoais para dimensões da consciência mais elevada.

No primeiro estágio, o facilitador busca segurança em algum método, modelo teórico e técnicas já sistematizadas e aceitas no universo educacional. E como existem muitas teorias sobre ensino-aprendizagem, usualmente seleciona-se uma delas com quem se possui afinidade e aprende-se os procedimentos necessários por exercê-la. Assim alguns docentes se dirão tradicionais, comportamentalistas, humanistas, socioculturais, cognitivistas, transpessoais, entre outros. Cada uma das teorias explicita um modo de pensar sobre educação, orienta a seleção de técnicas e organiza o sistema de avaliação. Vale lembrar que todo modelo teórico é apenas uma representação provisória da realidade e um instrumento de orientação, muito necessário para os iniciantes da tarefa educacional. Como nos ensina a metáfora oriental é um dedo apontando para a lua. Há, porém, na evolução docente um momento em que é preciso abandonar a esclerose gerada pelo executar de uma técnica e transcendê-la.

No segundo estágio o facilitador tende a realizar uma abordagem centrada na pessoa, a partir da compreensão de que o ser humano possui duas tendências: a realizadora que direciona a pessoa para a autorrealização, autorregulação e plenitude conforme sua motivação; e a formativa que a leva a extrapolar o nível individual para o universal. As características do docente são: a capacidade de aceitação incondicional, a empatia, e a congruência, isto é, a qualidade de integrar o pensar, o sentir e o agir. Além disso, desenvolve a competência em fazer silêncio interior para que os seus diálogos internos não prejudiquem a clareza da escuta do outro, pois tais conversas são a voz do passado e das crenças, contaminando a percepção do outro. Deste modo, as técnicas são adequadas ao momento do encontro pedagógico e às pessoas participantes e não ao contrário. Também este facilitador deve compreender o espectro do desenvolvimento da manifestação do ser para identificar seus estágios atuais e suas possibilidades de vir a ser para melhor desenhar as condições facilitadoras de progressão discente, respeitando a singularidade e dela fazendo uma aliada educacional.

O terceiro estágio aparece quando há uma vivência centrada no outro e em algum momento aparece a sensação de comunhão, de não-dualidade, de supressão da separatividade. Abre-se a porta para a compreensão do Cosmos, saindo do reducionismo

humanista do estágio anterior. Percebe-se partícipe de um universo como uma imensa rede de interconexões, uma teia de eventos probabilísticos. Em suma, alcançamos a compreensão de que somos hólons, individualidades que em partilhas interativas geram saberes e conexões mais complexas com propriedades inteiramente inusitadas. Para realmente vivenciar o terceiro estágio é necessário que o facilitador tenha apurado a sua consciência e integrado as supracitadas funções psíquicas para o conhecimento, bem como descortinado os estados de consciência relacionados posteriormente. Vale a regra que diz não podermos facilitar a chegada a um nível evolutivo que não vivenciamos.

Portanto, entre as 14 características do educador holocentrado, citadas por Roberto Crema, elegemos:

A vocação é a nossa *voz interna*; é a promessa intrínseca que trazemos no ser; é o trabalho intransferível que viemos realizar. Para isto, encarnamos. O labor de quem vive a sua vocação é pleno de sentido e se desenvolve na direção de uma Obra-Prima única que acrescenta algo ao universo. A *excelência* atualiza-se naturalmente para quem resgatou a sua vocação. Descobrir a tarefa para a qual nos convocamos à existência é um dos mais importantes desafios. Saber ou não saber para que estamos aqui, eis a questão! Esta é a diferença entre aquele pedreiro infeliz e mau humorado que, ao colocar tijolo sobre tijolo está apenas fazendo um maldito muro em troca de algum dinheiro para sobreviver, daquele outro que está ao seu lado, com entusiasmo e um sorriso nos lábios, pois sabe que está edificando uma catedral! [...] Um pré-requisito para o holocentramento é a consciência do que estamos fazendo no laboratório da existência. Neste caso, não se trata de mera ocupação ou profissão num contexto de papéis no teatro social; é a convocação do Destino. Este é um metaprincípio e a ele retornaremos oportunamente. (CREMA, 1995, p. 56)

4.6 A FUNÇÃO DISCENTE

O modelo adequado de aprendizagem é uma função direta do estágio de evolução do aprendiz. Considerando holisticamente que todos possuem uma tendência à autorrealização que pode ser mais ou menos expressa no comportamento seu papel principal encontra-se na busca de autonomia, na manifestação do seu potencial criativo, na conquista da liberdade em relação ao meio, na individuação como pessoa. Como cada faixa etária corporal possui peculiaridades, e em cada uma delas, há tarefas de desenvolvimento a serem cumpridas ou realizadas, como bem aparece nas descrições dos estágios psicossociais do desenvolvimento de Erik Erikson:

1) confiança X desconfiança até os dois anos; 2) autonomia X vergonha e dúvida entre dois e três anos; 3) iniciativa X culpa entre 4 e 5 anos; 4) diligência X inferioridade entre 6 e 11 anos; 5) identidade X confusão de identidade entre

12 e 18 anos; 6) intimidade X isolamento entre 19 e 40 anos; 7) generatividade X estagnação entre 40 e 60 anos 8) integridade X desespero entre 60 anos e o resto da vida¹².

¹²Disponível em: <https://www.andragogiabrasil.com.br/as-8-idades-do-homem> Acesso em: 30/05/23

5 EDUCAÇÃO PARA PAZ

A proposta holística de Pierre Weil

O ideário da paz que sempre esteve presente na vida de Pierre Weil foi a motivação para realizar atividades práticas e reflexões que o levaram a escrever sua experiência num livro intitulado *A Arte de Viver em Paz*, que foi acolhido pela UNESCO em 1990 e publicado inicialmente em inglês e francês. A declaração inicial à guisa de apresentação escolhida pelo autor é de autoria de Federico Mayor, Diretor-geral da UNESCO 1987 — 1999, que sinaliza para um conceito genético de guerra e paz inovador, pois admite que tudo começa no ser, sujeito da história, valorizando o seu papel, o que difere claramente de outras leituras que colocam a gênese dos conflitos exclusivamente nas desigualdades sociais, nas políticas nacionalistas e na tendência à dominação dos povos. A apresentação diz:

Nunca nos últimos quarenta anos, a paz esteve tão próxima da humanidade. Jamais ela foi tão palpável como hoje em dia. Sim, a violência pode ser banida já de todos os níveis da vida. Mas é necessário que os homens escolham com audácia, imaginação e determinação o caminho da paz. Porque ele não é único. Existe também a trilha sombria que conduz à desordem e à guerra. Desde sua fundação, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) trabalha para estabelecer a paz nas consciências, porque entende que “as guerras nascem no espírito dos homens, e é nele, primeiramente, que devem ser erguidas as defesas contra o ódio. (MAYOR, 1989 apud WEIL, 1990)

Esta apresentação é seguida de um Prefácio de Robert Muller, Chanceler da Universidade para a Paz da Organização das Nações Unidas, na Costa Rica, que afirma ser a paz um tema de alta complexidade e requer um tratamento holístico. Enfatiza a importância de se apresentar uma nova abordagem sobre a natureza, as comunidades, a unidade das ciências, e a característica multidisciplinar dos estudos. Na sua experiência de coordenador de programas para a paz, que teve de enfrentar muitas dificuldades nos seus empreendimentos, ele alerta para a importância da persistência, virtude fundamental para se alcançar o sucesso:

Um dia, a utopia de uma comunidade mundial, de uma nação terrestre unida, também será uma realidade. Como dizia Schopenhauer, “toda verdade passa por três estados: primeiro ela é ridicularizada, depois é violentamente combatida, finalmente, ela é aceita como evidente”.

Na introdução do texto Weil acentua a importância da Educação para a Paz, acreditando que uma pedagogia específica está em gestação. Ele entende que ela é contemporânea à mudança paradigmática em curso, que objetiva reintegrar as esferas culturais como meio de se atingir a sabedoria e a plena consciência, a partir da emergente visão holística. Acredita que um dos trabalhos fundamentais é a formação de professores que alcem a maestria no tema experienciando-o cotidianamente e exemplificando como a melhor didática. Seu manual, esclarece o autor, pretende indicar aos educadores uma forma exequível de ensino-aprendizagem para paz. E conclui com suas expectativas:

Esperamos que a Arte de Viver em Paz ajude a construir a nova visão que o momento requer. Se formos bem sucedidos, estimularemos uma mudança profunda de atitude e de comportamento na população do planeta. O esforço então terá valido à pena. (WEIL, 1990, p.14)

Procurando facilitar a vivência educacional do manual ele foi escrito sob a forma de módulos em número de três.

O primeiro módulo discorre sob a metodologia do manual que deve servir de base para os cursos de formação. A didática proposta pretende que haja uma exposição teórica acompanhada de uma orientação prática para ser utilizada no sentido de sensibilizar o indivíduo investir na conquista da paz. Dessa forma, a todo conhecimento teórico deve-se aliar vivências, integrando saber e viver, o que facilita a aprendizagem. E para viabilizar o trabalho docente com mais facilidade, cada módulo contém os aspectos mais relevantes do tema e estado atual das pesquisas, a lista de procedimentos didáticos recomendada e a relação de obras necessárias para a consulta.

Em continuação apresenta documentos que fundamentam a proposta, tais como *o Ato Constitutivo da UNESCO, Manifesto de Sevilha sobre a Violência (1986), a Declaração de Veneza sobre a Ciência em face dos Limites do Conhecimento (1987), a Declaração de Yamoussoukro sobre a Paz no Espírito dos Homens*, entre outros. A seguir apresenta uma relação de atividades pedagógicas que serão utilizadas, objetivando traduzir em termos educacionais as pretensões da visão holística como síntese que respeita as diversidades, constando nela os métodos de educação ativa da Europa, *métodos expositivos comuns a todas as culturas, métodos dialéticos, diferentes tipos de Ioga, Tai-chi-chuan e artes marciais pacíficas da Ásia*, expressões artísticas diversas, jogos

educativos e folclóricos, técnicas de comunicação e de formação de organização empresarial, métodos de não-violência, de administração de conflitos, de psicoterapia individual e grupo, e de despertar da sabedoria e do amor ligados às tradições espirituais africana, xamanista, judaica, cristã, muçulmana, hinduísta, budista e outras... Ele ainda informa sobre como pretende iniciar este projeto educacional:

Começaremos por uma introdução sobre os aspectos teóricos de nosso programa. Ela destaca o aparecimento de uma nova concepção da vida, a necessidade de se tomar consciência dela e sua influência decisiva sobre a educação pela paz. A proposta que apresentaremos baseia-se em um método de sensibilização, elaborado ao longo de vinte anos de pesquisas e intitulado *A dança da vida pelo cosmodrama*. Seu objetivo é a descoberta pessoal da paz, relacionando-a a determinados estados de consciência. Esta pesquisa foi realizada no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, pela cátedra de Psicologia Transpessoal. (WEIL, 1990, p. 17)

O segundo módulo começa abordando o tema *Uma nova concepção da vida*. Reconhece os significativos avanços nas áreas da ciência e da tecnologia que beneficiam a Humanidade, contudo, chama atenção para os seus deploráveis *subprodutos como a miséria, a violência e medo*. Admite que o nível do conhecimento cresceu quantitativamente, nas mais variadas áreas, entretanto, sem a sabedoria desejável para usufruir desse saber com discernimento, chegando ao ponto de se criar possibilidades para destruir a civilização e do Planeta. E isto se deve à cultura fragmentária instituída que dividiu o mundo em territórios pelos quais damos a própria vida em competições armamentistas. Dessa forma,

Quebramos a unidade do conhecimento e distribuímos os pedaços entre os especialistas. Para os cientistas, demos a natureza; aos filósofos, a mente; aos artistas, o belo; aos teólogos, a alma. [...] A mais ameaçadora de todas as fragmentações, no entanto, foi a que dividiu os homens em corpo, emoção, razão e intuição, porque ela nos impede de raciocinar com o coração e de sentir com o cérebro. (WEIL, 1990, p. 20/21)

E cada um destes pedaços sofreu mais divisões de modo que o mundo do saber tornou-se confuso. A esperança é que há uma nova consciência emergindo, que pretende colar as partes fragmentadas, separadas pela razão nos últimos cinco séculos, construindo um momento histórico de síntese, de globalização e de integração. E o caminho da paz passa pela criação de uma unidade que começa no íntimo de cada ser, continua na reintegração dos saberes, buscada pela ciência moderna, encontrando-se com os estudos transpessoais e as tradições espirituais.

Nesse caso, merece uma reflexão a paz concebida como fenômeno exterior, no sentido de se perceber a limitação deste conceito, pois a consequência da aceitação desta ideia é tentar o desarmamento geral, o que seria uma contribuição à paz. Contudo há de se considerar que a inexistência de armas não impediria as mortes provocadas por ações humanas; além disso, o estado belicoso do homem impede a execução de uma política de eliminação total das armas. Vista desta maneira, a paz seria um fenômeno cultural, jurídico, social, político e econômico e deveria ser estudado e resolvido somente com o curso das ciências sociais. Neste caso, a paz é vista como ausência de violência e de guerra.

Ainda como fenômeno exterior, a paz é concebida como um estado de harmonia e fraternidade entre os homens e as nações; esta visão tem pressuposto a realização de um trabalho construtivo sobre as sociedades, envolvendo todos os veículos de comunicação. Este conceito de paz como fenômeno exterior e relacional entre os homens foi denominado ecologia social. Se for estendido à natureza e ao planeta, integrando os problemas de meio ambiente aos de segurança e paz, teremos um estudo abrangente chamado ecologia planetária; esta união é preconizada pela Declaração de Responsabilidades Humanas para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável (Costa Rica):

Todos os seres pertencem inseparavelmente à natureza, sobre a qual são erigidas a cultura e a civilização humanas. A vida sobre a Terra é abundante e diversa. Ela é sustentada pelo funcionamento ininterrupto dos sistemas naturais que garantem a provisão de energia, ar, água e nutrientes para todos os seres vivos, que dependem uns dos outros e do resto da natureza para sua existência, seu bem-estar e seu desenvolvimento. Toda manifestação de vida sobre a Terra é única, razão pela qual lhe devemos respeito e proteção, independentemente de seu valor aparente para a espécie humana. (WEIL, 1990, p. 27/28)

Prossegue o autor apresentando uma nova perspectiva para a paz, referindo-se ao sujeito: a paz no espírito do homem, lembrando que esta proposta já se encontra no texto de criação da UNESCO, é muito citado, mas não tinha grande aplicação como demonstra um estudo em que nas 310 instituições com algum programa de paz, somente um quarto das disciplinas possui alguma abordagem sobre paz interior. Esclarece que a ideia da guerra nascendo no espírito dos homens admite duas variantes: a paz como dissolução de conflitos intrapsíquicos e a paz como um estado de harmonia interior, resultado de uma visão não fragmentada do saber. A primeira variante é uma afirmação com base na

experiência psicoterápica que trata as cisões entre o id e o superego ou entre o sentimento e a razão; a segunda variante é uma tese integrativa, incluindo espiritualidade e psicologia transpessoal que enfatiza o amor altruísta e desinteressado.

A superação da visão fragmentária da paz supramencionada, certamente holística, deverá considerar que matéria, vida e informação são formas diferentes de manifestação da mesma energia e levará às três ecologias: interior, social e planetária, reintegrando o homem e a sociedade na natureza. Assim a paz será percebida como felicidade interior, harmonia social e relação equilibrada com o meio ambiente. Infere-se, então, que a paz não se instaura, mantendo-se a miséria e a violência no plano social ou com a devastação da natureza:

A visão ou consciência holística implica num alargamento progressivo das fronteiras humanas. Começamos pela pessoa, cujas características egocentradas diminuem quando ela se abre para a sociedade em que vive. Já é uma evolução, mas pode-se ir além. Progressivamente este indivíduo descobre que sua vida e a de seus semelhantes depende de um delicado equilíbrio ecológico: a consciência sociocentrada se desdobra então em consciência planetária. (WEIL, 1990, p. 30)

Nesta perspectiva fica evidente que a paz merece ser estudada por equipes interdisciplinares e transdisciplinares, integrando vários saberes já desenvolvidos ao longo da história humana. Após discorrer sobre as diferenças entre uma educação fragmentária e uma educação que detalhamos anteriormente, Weil define o seu projeto sobre a Educação Holística para a Paz, como um processo que se inspira nos métodos ativos capazes de promover a reintegração da pessoa numa totalidade, harmonizando as funções psíquicas, cuidando da saúde do corpo, apropriando-se dos valores humanos para a conduta cotidiana; estes são requisitos básico para se gerenciar situações conflituosas com uma abordagem não violenta. Ainda pretende, num investimento na educação, reduzir a devastação da natureza. E após atuar no homem, na sociedade e na natureza o projeto proposto pretende ultrapassar esta visão, abrindo portas para um estado de consciência transpessoal e cósmico.

Após esta introdução no segundo módulo é explicitada a Metodologia Pedagógica por meio de uma lista de atividades como grupos de discussão de temas, visitas a centros educacionais que pratiquem métodos ativos de educação; grupos de estudos sobre mudanças na concepção do saber e sugestão de livros que venham contribuir para um

reforço e aprofundamento à fundamentação teórica, que tem se destacado pela popularidade alcançada - *O ponto de mutação* de Fritjof Capra e *A estrutura das revoluções científicas* de T. Kuhn, só para citar alguns.

O terceiro módulo inicia abordando a arte de viver em paz como fenômeno educativo. Introduz a noção de que se ensina o que se vive, citando algumas características do facilitador holocentrado já descrito anteriormente. Lembra que estes educadores ainda são incomuns, mas existem, e que é possível fomentar as qualidades desejáveis em pessoas interessadas em autoeducação.

Em sequência, retoma as três formas de manifestação da energia, ou seja, o plano mental que elabora conceitos, o plano emocional e seus sentimentos e o plano físico expresso pelo corpo, para apreender as raízes dos conflitos. Afirma que *no plano mental forma-se a fantasia da separatividade fenômeno que consiste em crer que o sujeito e o universo não guardam nenhuma relação*. Esta fantasia nos faz levantar fronteiras imaginárias e a criar limites e nos faz buscar a felicidade fora de nós e, por estarmos procurando no lugar errado, terminamos por nos apegar a substitutos transitórios exteriores, como uma joia ou uma boa ideia, o que nos leva ao apego a objetos, pessoas ou ideias que nos provocam sensações de prazer.

Simultaneamente, tornamo-nos egoístas, possessivos e medrosos. E cultivando o medo de perder como atitude, experienciamos emoções destrutivas como a desconfiança, a inveja, o orgulho ferido, a frustração e a depressão. A solução buscada continua o círculo vicioso de dependência do exterior, nesta situação representado pela busca de remédios.

A metodologia pedagógica proposta para a aprendizagem deste módulo é uma exposição sobre a fantasia da separatividade, uma experiência de identificação do que é natureza, uma encenação de um encontro amoroso com três personagens com cena de cólera e ciúme, seguida sobre comentários com base na teoria fundamental da perda da paz e um estudo das teses sobre a paz. Em complemento, sugere-se a pesquisa na história sobre o processo de construção de conflitos, a produção de um jornal mural com reportagens em consequência do apego e possessividade na vida individual e coletiva e um ciclo de explicações sobre casos pessoais que ilustrem o círculo vicioso da repetição compulsiva. Ainda pode se complementar este ato educativo, realizando um laboratório de

sensibilização com um profissional qualificado para empreender a viagem de descoberta dos obstáculos interiores à paz, identificadas no grupo.

Como desenvolver a paz interior é o passo seguinte neste manual educativo. Mente coração e corpo simbolizam a pessoa e são interdependentes. Vale lembrar como fundamento da paz no corpo que nele circula a energia física e vital, atravessando canais sutis reconhecidos pela acupuntura. Fazê-las circular livremente e com equilíbrio permite criar um estado de paz e harmonia. Por outro lado, emoções destrutivas geram tensão muscular que bloqueiam o fluxo de energia no corpo. Esta energia circulante quando houver bloqueio pode ser restaurada por vários métodos tais como a Hata Yoga e o Tai-chi-chuan e técnicas de bioenergética.

A paz no coração deve ser trabalhada através dos métodos de transformação energética que levam em consideração a existência de cinco fatores destrutivos da paz: a indiferença caracterizada pela frieza emocional frente ao sofrimento dos outros; o apego ou memória do prazer que leva a sentimento de posse do objeto, pessoa ou ideia; a cólera que é uma explosão de energias negativas que impedem a harmonia corporal e espiritual; o ciúme que aparece quando há uma ameaça de perda de algo que imaginamos possuir; e o orgulho caracterizado por um sentimento de autossuficiência e superioridade sobre os outros.

As técnicas para eliminá-las ou transformá-las são: a consciência imediata ou identificação das emoções destrutivas em estado de germinação, pois o seu reconhecimento consciente as dissolve; o método ahimsa, popularizado por Mahatma Gandhi que desenvolve um respeito por todas as formas de vida; os métodos psicoterápicos, hoje muito variados em Yoga.

Ainda sobre a paz no coração, vale recordar que as tradições espirituais reconhecem no ser humano funções ou qualidades emocionais responsáveis pela preservação da paz interior. A alegria, o amor altruísta e a compaixão são alguns exemplos considerados universalmente presentes em toda pessoa, que podem ser cultivados por meio de estudos teóricos e práticos como o método da visualização e programação direta em que aproveitando-se do estado de relaxamento criamos cenas exercitando as três qualidades.

Para propor um método que leve a vivência da paz de espírito, Weil começa mostrando o caráter polissêmico da palavra espírito. Ela pode significar o conjunto de funções mentais, tais como a inteligência, o raciocínio, a percepção e a memória; ou referir-se a uma energia sutil chamada pelo filósofo Henri Bergson de energia espiritual; ou ainda ser o princípio da vida e da consciência em oposição à matéria. O conceito adotado neste manual afirma que o espírito é a própria energia no seu estado primordial e o homem funciona como um transformador, e a converte em várias manifestações: a matéria, a vida e o psiquismo.

O método ideal para superar a fantasia da separatividade na busca da paz do espírito é a meditação, em palavras simples entendida como ficar sentado sem fazer nada. Este estado de inatividade facilita a abertura do espírito a tudo que se passa. Assim faz-se um retorno a si mesmo. Pode-se também concentrar em um pensamento ou imagem interior ou um objeto externo como preparação. Ao se alcançar tal condição, a fronteira entre o eu e o mundo se dissolve e a paz aparece. Outros efeitos idênticos podem ser alcançados por danças sagradas, devidamente orientadas por facilitadores treinados para este fim.

A metodologia pedagógica para o terceiro módulo está configurada pelas seguintes atividades de curto prazo: motivação inicial para criar um clima caloroso e alegre, utilizando-se atividades integrativas; chuva de ideias sobre a paz para fazer um balanço do passado e do presente, comparando com as aspirações do futuro; um breve resumo sobre a teoria fundamental de destruição da paz; um trabalho de desenvolvimento da ecologia interior com dramatização da gênese da neurose do paraíso perdido, seguida das técnicas para alcançar a paz do corpo, do coração e do espírito. No longo prazo deve-se exercitar estas técnicas com a colaboração de bons profissionais ou mestres das diferentes disciplinas já citadas. Ou ainda realizar psicoterapia ou uma iniciação nas tradições espirituais.

Para viver em paz com os outros é o tópico subsequente do manual. Inicia o autor comentando que em busca de culpados para a situação de estarmos numa sociedade violenta, questionamos quem começou tudo isso, se o homem ou a sociedade.

Lembra ainda que alguns consensos sociais são paradoxais, pois validam certos comportamentos violentos como:

[...] “a guerra justa”, que tem até mesmo um sólido apoio legal. Assim é “normal” que um exército mate todos os seus inimigos, uma vez declarada a guerra. Mais do que isso: matar torna-se um “direito”! Como consequência, os jovens de todo o mundo aprendem a manusear armas e a assassinar sem piedade. (WEIL, 1990, p. 74)

Assim como há um consenso nessa licenciosidade legal, Weil convida a todos para refletirem sobre a aceitação dessa “normose” que se tornou comum e tanto mal tem feito à humanidade, no sentido de investirem esforços para o alargamento de uma visão pacífica, rejeitando qualquer forma de destruição da pessoa humana, em qualquer situação, e especialmente, nesse sentido de aceitação de “guerra justa”.

Acrescenta que “só o desenvolvimento da plena consciência impedirá que os homens e mulheres se adaptem a normas injustas, violentas e cruéis”. (WEIL, 1990, p. 75)

Propõe ainda o investimento em modalidades de educação para a paz: A educação cultural para a paz; a educação social para a paz; a educação econômica para a paz. A educação cultural para a paz implica na mudança de valores a serem estimulados por meio de ações pedagógicas como *o ensino e a difusão da Carta Internacional dos Direitos do Homem*. Acrescenta que a ONU tem trabalhado insistentemente *para difundir os valores relativos aos direitos humanos em todos os países do mundo*:

A educação pela paz na mídia a imprensa (jornais, revistas, rádio, TV) e a publicidade são veículos de grande força para a difusão dos valores da paz. [...] numerosos estudos já foram feitos sobre o papel educativo que TV, jornais e publicidade deveriam assumir. Todos eles partem do princípio de que a mídia tem um poder de convencimento extraordinário que deve ser trabalhado para fortalecer as energias positivas. Uma síntese desses dados pode ser encontrada na publicação da UNESCO *A Educação das Mídias*. (WEIL, 1990, p.78)

A educação econômica para a paz, segundo o autor, ainda precisa da elaboração de uma teoria econômica adequada, que considere os fatores individuais sociais e ecológicos. Sugere que equipes interdisciplinares poderiam construir propostas para as nações baseadas na ecologia ou meio ambiente, na etologia ou hábitos e costumes, na economia ou produção da riqueza, na etnologia ou diversidade cultural e na ética ou busca do bem. Ainda neste tópico, recomenda ações pedagógicas em grupos com proposta de dramatização para viver os diferentes efeitos dos sistemas econômicos e a adoção dos princípios do movimento de simplicidade voluntária, que visa ordenar desejos e assegurar o bem-estar com menos gastos.

A Arte de viver em paz com a natureza implica na sensibilização no sentido de nos percebermos, de fato, dela integrantes. Para o autor:

A arte de viver em paz com o meio ambiente consiste, então, em tornar o ser humano consciente do que ele é parte indissociável da natureza. O objetivo é restabelecer uma visão holística cósmica (transpessoal e universal). Trata-se do último estágio de uma escalada evolutiva que começou pela consciência social egoísta, passou pelo plano social e atingiu a dimensão planetária. (WEIL, 1990, p. 84)

Neste tópico, é proposta uma pedagogia ecológica que leve o homem a perceber a inexistência de fronteiras reais entre ele, a natureza e o universo. Esta pedagogia deve ser desenvolvida a partir das três grandes manifestações da energia na natureza: *a matéria, a vida e a informação*. A melhor forma de alcançar a paz é tornar o ser humano consciente da identidade entre suas estruturas psíquicas, vital e física e os sistemas cibernéticos, vitais e materiais do universo. Em outras palavras demonstrar que sujeito e universo são expressões distintas da mesma energia primacial.

Atualmente este manual já circula em seis línguas. O próprio Weil após a sua publicação desenvolveu e praticou educacionalmente com milhares de alunos um estudo mais completo, intitulado a Arte de Viver a Vida. Seus aprendizes geraram projetos sobre a paz que envolveram uma população significativa de milhares de agentes da paz em comunidades em estado de vulnerabilidade social.

A aspiração de Weil com este trabalho e toda a vida ligada a Universidade Holística Internacional, que pretende contribuir para o surgimento de uma nova consciência humana encontra paralelos em outros autores.

Por exemplo Carl Rogers um dos criadores da Psicologia Humanística com evolução para a corrente transpessoal, reconheceu nas suas reuniões com grupos de sensibilização, de orientação não diretiva, que havia um novo ser humano em construção:

Onde os tenho encontrado? Entre executivos de companhias que abriram mão da degradante “vida de colarinho branco”, da sedução por altos salários e opções de mercado para viver uma vida nova e mais simples. Encontro-os entre jovens homens e mulheres de blue jeans que desdenham a maior parte dos valores da cultura de hoje para viver de novas formas. Entre padres, freiras e ministros que deixaram para trás os dogmas de suas instituições para viver de um modo mais pleno de significado. Entre mulheres que estão ascendendo

vigorosamente acima das limitações que a sociedade colocou sobre suas personalidades. Entre negros, chicanos e membros de outras minorias que estão se destacando de gerações de passividade para uma vida assertiva e positiva. Encontro-os entre aqueles que experienciam grupos de encontro, que estão descobrindo um lugar para os sentimentos tanto quanto para os pensamentos em suas vidas. Entre pessoas criativas que abandonaram a escola e estão se projetando a níveis mais altos que o que lhes permite a escolaridade estéril. Encontro-os surgindo em workshops internacionais e interculturais que têm sido uma importante parte de minha vida recente. Nestes, num clima centrado na pessoa, eles estão desenvolvendo um senso de comunidade baseado na confiança e respeito, criando harmonia na diversidade, uma harmonia que se ajusta a este mundo novo. (ROGERS, 1983, p. 15)

Em *Os evolucionários*, Carter Phipps em pleno século XXI apresenta estudiosos e suas ideias que corroboram o paradigma holístico e preparam o surgimento de uma nova cultura baseada numa concepção transcendente da evolução, com a reintrodução do espírito neste processo. Estes estudiosos de hoje podem ser chamados de peregrinos do futuro, uma expressão cunhada por Teilhard de Chardin sobre ele mesmo. Phipps afirma que:

Estamos numa mudança memorável de um mundo de inércia para um mundo de movimento constante, de um universo de ser estático para um criativo vir a ser, de um cosmo composto de matéria inerte para um feito de eventos em movimento. E quando adicionarmos esse novo senso de temporalidade ao universo, e ele ficar mais integrado aos padrões de nossa percepção, informando nossa visão de mundo cultural e reestruturando nossa psicologia e neurologia, uma nova vivência do mundo se revelará. (PHIPPS, 2014, p.347)

Estas produções culturais têm algo em comum. A percepção de que a evolução caminha do múltiplo para o um, que por sua vez, abriga em seu seio a diversidade num amplexo energético amoroso. E progressivamente elimina os motivos de conflito pela superação dos níveis evolutivos que os geraram, criando novas formas interativas entre os hólons ou entes existenciais que se manifestam com maior complexidade e consciência no existir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado demonstra que há uma preocupação sobre o futuro da civilização, incluindo a preservação da natureza; que a visão de mundo hegemônica tende a agravar os problemas por ela gerados e um paradigma inclusivo, integrador e sistêmico está emergindo na atualidade; que iniciativas globais negociadas após a Segunda Guerra Mundial resultaram na criação de organismos internacionais para prevenir e mediar conflitos e universidades para preparação de agentes construtores de uma cultura da paz.

Também se constatou a relevância de se constituir uma abordagem holística, derivada do paradigma emergente, mais promissor que o hegemônico, na promoção da convivência pacífica entre pessoas, povos e nações, em cursos de educação para a paz.

Neste sentido, destacamos a contribuição do Prof. Pierre Weil que elaborou um manual centrado no viver em paz, aprovado pela UNESCO e criou com seus pares a Formação Holística de Base da Universidade Holística Internacional em Brasília.

Diante do exposto, consideramos todo o esforço empreendido para atingir o estabelecimento da paz entre as nações e mesmo diante das inúmeras dificuldades e incoerências nas ações, o ideal persiste, nas suas mais variadas formas de manifestação, em todas as áreas do saber, do viver e do conviver. A construção de documentos norteadores, a implementação de novas formas e visão educacional, atuação pacificadora em serviços voltados aos povos em vulnerabilidade social, as ações de preservação do meio ambiente, as propostas de mudança dos paradigmas anteriores, a fim de fazer valer uma nova e abrangente percepção do mundo contemporâneo são exemplos da continuidade do ideal na vida prática.

Sabemos que ideias novas não se materializam instantaneamente no seio das civilizações. Um exemplo recente é o conjunto de proposições do movimento iluminista do século XVIII, que somente alcançou grandes proporções geográficas cerca de dois séculos depois e ainda não pode ser vivido em boa parte do mundo.

Por compreender que a aprendizagem de novos paradigmas exige uma maturação da consciência que, por sua vez, pode ser estimulada por ensinamentos e exemplos é que nos

movemos no mundo, imbuída de um sentimento de esperança a imaginar que podemos antever um mundo sem conflitos religiosos, sem lutas fratricidas, porque as flores substituirão as armas e a história está em nossas mãos.

REFERÊNCIAS

- BATÀ, A.M.L.S. *Um guia para o conhecimento de si mesmo*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- CAPRA, F. e LUISI, Pier. *A visão sistêmica da vida*. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CREMA, R. *Saúde e plenitude*. São Paulo: Summus Editorial, 1995.
- FROM, E. *Ter ou ser*. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GROF, S. *Além do cérebro*. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.
- GOSWAMI, A. *A janela visionária*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- GOSWAMI, A. *Consciência quântica*. São Paulo: Goya, 2018.
- MORAIS, M. C. *O paradigma educacional emergente*. 16. ed. Campinas - SP: Papilus, 2014.
- PHIPPS, C. *Evolucionários*. São Paulo: Cultrix, 2014.
- ROGERS, C. *Um novo mundo, uma nova pessoa*. São Paulo: SUMUS editorial. 1983.
- ROMANELLI, R. *O primado do espírito*. Niterói-RJ: Lachâtre. 2002.
- TABONE, M. *A psicologia transpessoal*. São Paulo: Cultrix.1993.
- WEIL, P. *A mudança de sentido e o sentido da mudança*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2000.
- WEIL, P. *A arte de viver a vida*. Brasília: Letra Ativa, 2001.
- WEIL, P. *A arte de viver em paz: por uma nova consciência e educação*. 4. ed. São Paulo: Gente, 1993.
- WEIL, P. *Lágrimas de compaixão*. São Paulo: Pensamento, 2000.
- WILBER, K. *A união da alma e dos sentidos*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- WILBER, K. *Uma breve história do universo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.